

**Aprendizagem de Português Língua Não Materna  
e Comunicação Oral – Estudo de Caso**

**Cátia Sofia Cardoso Lopes**

**Dissertação em Ensino do Português como Língua Segunda e  
Estrangeira**

**março 2014**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho Gale.

Dedico a minha dissertação à minha família, em especial ao meu marido, pelo apoio incondicional durante esta longa caminhada até à concretização deste sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer todo o apoio que me foi prestado pela Professora Doutora Ana Maria Martinho, minha orientadora, e também a sua motivação e disponibilidade, sem as quais não teria conseguido elaborar este trabalho. Desde as primeiras aulas deste mestrado, a professora foi sempre uma fonte de inspiração e de incentivo e a certeza de que só realizaria este trabalho sob a sua orientação e os seus conselhos.

**APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA (PLNM) E COMUNICAÇÃO ORAL –  
ESTUDO DE CASO**

**PORTUGUESE SECOND LANGUAGE LEARNING AND ORAL COMMUNICATION - STUDY**

**CÁTIA SOFIA CARDOSO LOPES**

**RESUMO**

**ABSTRACT**

**PALAVRAS-CHAVE:** Português Língua Não Materna; comunicação oral; aprendizagem; estratégias cognitivas.

**KEYWORDS:** Portuguese Second Language; oral communication; learning; cognitive strategies.

O presente trabalho tem como principal objetivo refletir sobre um projeto de Comunicação Oral implementado numa turma de 10º ano de Português Língua Não Materna, de nível B1, na Escola Secundária com 3º ciclo de Pinhal Novo.

Trata-se de um estudo de caso, na medida em que se pretende analisar a evolução na língua portuguesa de um aluno de origem Cabo Verdiana aquando da implementação do referido projeto. Este trabalho assenta principalmente na competência da Comunicação Oral e na forma como esta é abordada e trabalhada em contexto de sala de aula. Procuramos mostrar o quão importante é esta competência para a aprendizagem de uma nova língua, neste caso o Português, e para a integração do aluno na escola e na sociedade. São apresentadas também as estratégias utilizadas durante a implementação do referido projeto, assim como as reflexões inerentes ao mesmo.

Constatámos que esta competência é fundamental para a integração dos alunos no meio escolar, melhorando as suas competências linguísticas e favorecendo a cooperação e a entreaajuda entre os alunos como forma de desbloquear o discurso e favorecer a interação entre eles.

The present work has as principal objective to reflect on a project on Oral Communication implemented in a class of 10<sup>th</sup> year Portuguese Second Language, level B1, at secondary school in Pinhal Novo.

This is a case study about a student of Cape Verdean origin, intended to analyze the evolution of his skills in Portuguese language. This work relies mainly on the competence of Oral Communication and on how it is addressed and worked in the context of the classroom. We show the importance of this skill for the learning of a new language, in this case Portuguese, and the integration of the student in the school and society. The strategies used during the implementing of this project as well as the reflections inherent to it are also presented.

We noted that this expertise is critical to the integration of students in the school environment, improving their language skills and fostering cooperation and mutual support among students hence developing discursive skills and encouraging interactions.

## ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo 1: Comunicação Oral .....	5
1.1 Fundamentação do tema.....	5
1.2 A Comunicação Oral na sala de aula.....	9
1.2.1 Compreensão Oral.....	12
1.2.2 Expressão Oral .....	13
1.2.3 Interação Oral.....	14
1.3 Relação professor/aluno e o ambiente em sala de aula.....	16
1.4 Reflexões.....	18
Capítulo 2: Contextualização do Estudo de Caso e da Escola .....	26
2.1 Perfil do aluno .....	26
2.1.1 Motivações e interesses do aluno .....	28
2.1.2 Inserção no nível de proficiência.....	29
2.1.3 Dificuldades sentidas pelo aluno .....	32
2.2 Caracterização do meio escolar .....	33
2.2.1 Organização do espaço físico da escola.....	34
2.2.2 Constituição da Escola .....	34
Capítulo 3: Projeto de Comunicação Oral.....	36
3.1 Caracterização do projeto .....	37
3.2 Planificação do projeto .....	39
Capítulo 4: Análise dos materiais.....	41
4. 1 Plano Individual de projeto .....	41
4.2 Textos temáticos .....	42

4.3 Guiões de trabalho .....	42
4.4 Ficha de apoio à apresentação oral .....	43
4.5 Instrumentos de avaliação do professor .....	44
Capítulo 5: Análise crítica do projeto.....	45
5.1 Níveis de competência do aluno antes do projeto .....	45
5.2 Resultados obtidos após o projeto.....	48
5.3 Conclusões .....	51
Conclusão Geral.....	52
Bibliografia .....	56
Anexos .....	62



## INTRODUÇÃO

Comunicar é uma competência básica de qualquer ser humano e é através da fala que interage com o mundo. Desde que nascemos que aprendemos a falar para comunicar com os outros. No entanto, a comunicação não se reduz ao saber falar: significa a transmissão de uma informação de forma clara e precisa, pois se assim não for corre o risco de não ser entendida pelo outro. A comunicação deve ser adaptada a vários contextos e cada falante aprende a utilizá-la de acordo com as situações linguísticas com as quais é confrontado no seu quotidiano.

Aprender a comunicar na nossa língua materna parece-nos à primeira vista um processo normal, pois desde pequenos que o fazemos. No entanto, quando entramos no meio escolar e temos de nos exprimir oralmente, muitas vezes sentimo-nos inseguros para o fazer e não nos sentimos à vontade. E numa língua que não é a nossa?

Nos dias de hoje, nas nossas escolas encontramos alunos de várias nacionalidades, que não têm o português como língua materna. Estes alunos têm ainda mais dificuldades na aprendizagem e no domínio da língua do que os falantes nativos. No entanto, tanto nas aulas de Português Língua Materna (PLM) como nas aulas de Português Língua Não Materna (PLNM), continua a haver uma resistência muito grande à prática da oralidade.

Pretendemos com este trabalho incentivar os professores a utilizar mais estratégias de ensino-aprendizagem no âmbito da competência oral, uma vez que consideramos fundamental esta prática, de forma a integrar os nossos alunos estrangeiros na escola e na sociedade portuguesa.

Ao entrarmos no meio escolar, a comunicação torna-se crucial para a aquisição das competências essenciais e, consequentemente, para o sucesso na aprendizagem dos conteúdos lecionados.

Neste sentido criámos um projeto de Comunicação oral que implementámos numa turma de 10º ano, de PLNM, nível B1, na Escola Secundária de Pinhal Novo, no ano letivo de 2010/2011.

Trata-se de um trabalho de estudo de caso, na medida em que se pretende analisar as competências adquiridas e melhoradas de um aluno da turma acima referida, a partir da implementação deste projeto na sala de aula.

Este projeto foi pensado e projetado de forma a permitir um melhor desempenho na língua portuguesa, principalmente a nível da expressão, compreensão e interação orais em sala de aula, em virtude das dificuldades apresentadas por este aluno e pelos seus colegas desde o início do ano letivo. Este projeto foi elaborado de forma a permitir a melhoria dos resultados nas práticas pedagógicas dos alunos de língua estrangeira, a nível da oralidade, mas trabalhando também as outras competências (Leitura, Escrita e Gramática). No entanto, analisamos em particular o caso de um aluno de origem cabo-verdiana, visto ser aquele que revelou graves lacunas na competência da oralidade e, sobretudo, uma grande resistência em praticá-la em sala de aula.

Desta forma, colocámo-nos as seguintes questões:

Apesar de toda esta resistência, não será possível pensar em estratégias de ensino-aprendizagem que possam ser desbloqueadoras da oralidade? Qual o relevo que tem sido dado à oralidade no ensino-aprendizagem de uma língua? De que forma é possível detetar as dificuldades dos alunos na apreensão de uma nova língua? Como avaliar as produções orais dos alunos? Como fomentar o trabalho de entreajuda e cooperação entre os alunos? Como ajudar um aluno a superar as suas dificuldades na oralidade?

No nosso trabalho tencionamos dar resposta a estas e outras questões. Procuramos que o mesmo sirva para estimular o ensino-aprendizagem do Oral nas aulas de PLNM, pois acreditamos que os professores podem fazer muito mais em relação a esta competência que está desprivilegiada em relação às outras. Tentamos mostrar a importância do ensino da oralidade na promoção da língua portuguesa, propor algumas estratégias de ensino-aprendizagem que possam contribuir para a melhoria da qualidade do ensino da oralidade e também mostrar o quão importante é o papel do professor, do aluno e da escola no processo de ensino-aprendizagem da oralidade. Só assim, formaremos cidadãos críticos, autónomos, confiantes e, sobretudo, mais capazes e preparados para a inserção futura no mundo do trabalho.

Desta forma, o nosso trabalho está dividido em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, dedicado à Comunicação oral em sala de aula, procuramos compreender a importância desta competência essencial ao bom desempenho de qualquer falante de uma língua estrangeira. Este capítulo está subdividido em fundamentação do tema, onde referimos o contexto de imigração ocorrido em Portugal na segunda metade do século XX e do qual é resultado a grande heterogeneidade de nacionalidades nas nossas escolas. Depois apresentamos um outro subcapítulo onde abordamos a comunicação oral nas suas três vertentes: compreensão, expressão e interação orais, que assenta na reflexão sobre pressupostos teóricos e pretende sustentar a ideia da grande importância desta competência no currículo de um aluno aprendiz de uma língua estrangeira. De seguida focamos um outro aspeto que consideramos fundamental para uma boa comunicação oral que é a relação entre o professor e os alunos e o ambiente criado na sala de aula. Por fim, tecemos algumas reflexões em torno deste tema.

O segundo capítulo é dedicado à apresentação do estudo de caso e ao contexto escolar em que está inserido. Apresentamos o perfil escolar e psicológico do aluno, as suas motivações e interesses no estudo da língua portuguesa, abordamos também a forma como foi inserido no nível de proficiência e referiremos as dificuldades sentidas pelo mesmo. No contexto escolar procuramos mostrar a realidade social deste aluno, assim como a organização do espaço físico da Escola e a constituição da mesma no que respeita ao número de alunos, funcionários, docentes, espaços que envolvem a escola e as atividades e disciplinas que oferece.

O terceiro capítulo diz respeito ao projeto de comunicação oral desenvolvido na sala de aula. Aqui explicamos o surgimento deste projeto e a sua necessidade de existência. Num primeiro momento apresentamos o projeto e depois a forma como foi planificado e aplicado nas aulas de PLN.

No quarto capítulo explicamos pormenorizadamente os materiais utilizados neste projeto e da forma como foram utilizados em sala de aula.

O último capítulo será dedicado à análise da implementação deste projeto na aula, assim como às conclusões resultantes das reflexões sobre a implementação deste projeto e sobre os resultados obtidos no ensino-aprendizagem do aluno em estudo.

## **CAPÍTULO 1: Comunicação Oral**

### **1.1 Fundamentação do tema**

Portugal é cada vez mais um país multicultural e multilingue, constituindo assim uma comunidade bastante heterogénea. Tem acolhido nas últimas décadas muitos imigrantes em busca de melhores condições de vida. Segundo o último relatório do Serviço de Estrangeiros e Fronteira /SEF (2010), o total da população estrangeira legal no país corresponde a 451.191 cidadãos, com um crescimento de 3,16%, em 2010. As comunidades cabo-verdianas e angolanas assumem os primeiros lugares, no entanto, a comunidade brasileira é a mais numerosa de todas. É de referir também que, desde o estabelecimento do Acordo Schengen, houve uma maior abertura das fronteiras no espaço da União Europeia, que possibilitou uma maior circulação da população dos países signatários e, consequentemente, um crescimento na imigração.

É, sobretudo, através da escolarização dos jovens que também os grupos de imigrantes e as minorias étnicas têm acesso à igualdade de oportunidades no caminho para uma vida melhor e com melhores condições. Nas nossas escolas encontramos cada vez mais alunos de várias nacionalidades, imigrantes de vários países, que se encontram em contexto de imersão linguística e que lutam por uma igualdade de oportunidades na vida. Dos quase dois milhões de alunos inscritos nas escolas portuguesas em 2009<sup>1</sup>, mais de 40 mil eram imigrantes. Apesar de ser uma percentagem inferior à de muitos países lusófonos, o facto é que esta população tem vindo a aumentar bastante. A escola tem de procurar responder a estas necessidades, acolhendo todas estas pessoas de modo a integrá-las na comunidade escolar. A escola deve também proporcionar atividades e interações inclusivas, que respeitem as culturas dos alunos que a frequentam.

Concordamos com Geibler (2005), uma vez que consideramos fundamental a integração de qualquer aluno na escola para o acesso a uma igualdade de direitos e de oportunidades no futuro.

---

<sup>1</sup> <http://estatisticas.gepe.min-edu.pt/vistas.jsp?vm>

*Se considerarmos que integrar significa proporcionar oportunidades iguais para participar na vida da sociedade de acolhimento (...), então, as oportunidades educativas são cruciais a este processo. A educação constitui o recurso central que permite a participação na vida económica, social, política e cultural do país (Geibler, 2005:89).*

De acordo com Klieme (2010), estudos realizados nos países europeus, incluindo Portugal, revelam algumas desigualdades nos sistemas educativos. Em algumas escolas, os alunos têm aulas adicionais na língua segunda e em outras existem programas de alfabetização bilingue. Contudo,

*Estas medidas não têm sido suficientes, pois não combatem uma das principais causas do insucesso educativo de alunos imigrantes e de minorias etnolinguísticas: o ensino da língua segunda isolado das restantes disciplinas escolares e a consequente falta de aprendizagem de um registo académico associado à aquisição de uma língua segunda (Duarte, 2011: 113).*

Alguns programas de estudo como o PISA (Programme for International Student Assessment) confirmam a dificuldade das escolas na integração de forma completa de alunos imigrantes. Tendo por base o nosso estudo de caso de um aluno no ensino português, podemos referir que concordamos com este estudo, pois as escolas ainda denotam pouca preparação perante o ensino destes alunos e a sua inclusão linguística e também algum desconhecimento no modo como aplicar os documentos delineados pelo Ministério da Educação que visam fazer da diversidade um fator de coesão e de integração. As medidas visadas pelo Ministério da Educação valorizando as competências para ensinar alunos de proveniências linguísticas e culturais variadas têm-se revelado muito escassas e pouco desenvolvidas nas escolas. Um dos motivos mais relevantes para este fracasso prende-se com o facto de as escolas serem escolas multilingues mas com um projeto educativo monolingue. Aos professores faltam-lhes as competências e aptidões para lidarem adequadamente com a diversidade linguística. A maior parte dos professores não possui uma formação especializada na área do Português como Língua Segunda e Estrangeira. As medidas previstas nos documentos do Ministério da Educação deviam ser analisadas de uma forma mais aprofundada pelas escolas, pois contribuem de forma bastante importante

para a construção de uma sociedade mais inclusiva. As condições sociais, linguísticas, culturais e educativas são determinantes para o sucesso da aprendizagem do PLNM.

Os vários documentos elaborados pelo Ministério e que fundamentam o ensino-aprendizagem de PLNM, sobre o qual incide o trabalho que estamos a realizar e sobre os quais referimos anteriormente pouca preparação por parte das escolas públicas são os seguintes: *Linhas Orientadoras para o trabalho inicial em Português Língua Não Materna* (2007), *Português Língua Não Materna no Currículo Nacional: Perfis linguísticos da população escolar que frequenta as escolas portuguesas* (2001); *Português Língua Não Materna no Currículo Nacional – programa de integração*. Estes documentos encontram-se nas escolas, mas nem sempre são utilizados na preparação e organização das aulas destes alunos. Na maior parte das vezes, os professores têm estes documentos ao seu alcance, mas utilizam e preparam as aulas tendo em conta, quase sempre, apenas os manuais para estrangeiros. Um exemplo disso é o *Portfólio Europeu de Línguas*, um documento do Conselho da Europa, e que vem privilegiado no conjunto de documentos do Ministério da Educação para alunos de PLNM, e que é pouco utilizado pelos professores. Consideramos este portfólio um documento muito interessante e que devia ser usado por professores e alunos. Consiste num dossiê com um conjunto de objetivos que os alunos devem alcançar dentro de cada competência. Este documento é para uso do aluno para que este possa controlar a sua evolução no estudo da língua que está a aprender. No entanto, também é muito útil para o professor, pois este vai vendo as opiniões do aluno e pode ajudá-lo a melhorar alguns aspetos na aquisição da nova língua. Neste sentido, consideramos que devia ser utilizado por todos os alunos de PLNM.

Julgamos que deve haver uma maior e melhor preparação dos professores de PLNM, de forma a adaptar os seus métodos e estratégias de ensino-aprendizagem e a melhorar o desempenho destes alunos nestas aulas para que estes adquiram a língua de uma forma mais rápida e eficaz. O melhor meio de melhorar as aprendizagens dos alunos é melhorando o próprio ensino. Todos os professores devem ser educadores que valorizem a diversidade cultural e linguística, numa sociedade globalizada e cada vez mais diversa, trabalhando as implicações políticas e pedagógicas nesta sociedade multicultural.

O perfil de um aluno é igualmente muito importante, pois define o seu nível de desenvolvimento, colocando-o num determinado contexto cultural e social. Ele possui um conjunto de saberes na sua língua, aos quais deve ser dada uma grande importância na aquisição de uma nova língua de aprendizagem.

*Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir. Da minha Língua vê-se o mar. Da minha Língua ouve-se o seu rumor, como da de outros se ouvirá a floresta ou o silêncio do deserto. Por isso, a voz do mar foi a da nossa inquietação* (Ferreira, 1998: 83).

É muito importante ter em atenção o conjunto de saberes de cada aluno. Cada um provém de um ambiente diferente, com um perfil diferente (cognitivo, social, cultural, político, educacional...), com uma língua materna diferente e deve ser respeitado enquanto ser individual com as suas próprias características. Todos devem ser acolhidos na sociedade, sendo respeitados e valorizados. Todos devem estar inseridos numa escola inclusiva, que a todos acolhe e respeita nas suas igualdades e diferenças. A UNESCO define uma escola que a todos inclui como:

Inclusive education means that school should accommodate all children of their physical, intellectual, social, emotional, linguistic or other conditions which disabled and gifted children, street and working children, children from remote or nomadic populations, children from linguistic, ethnic or cultural minorities and children from other disadvantaged or marginalized areas or groups (UNESCO, 2003: 4).

Numa escola onde é tão importante a literacia numa língua, a competência de comunicação oral é fundamental para a interação no meio escolar. É através da comunicação oral que o aluno imigrante se integra na comunidade escolar e interage com os seus colegas de turma, professores, funcionários, etc.

*A literacia na língua oficial no país de acolhimento é crucial à inclusão, emancipação e qualidade de vida, desempenhando um papel central na prevenção da exclusão social e promoção da justiça social e cognitiva* (Richmond, Robinson e Sachs-Israel, 2008 in *Português Língua Não Materna: Investigação e Ensino*, 2013: 17).



Quer isto dizer que a língua de acolhimento e a forma como os alunos têm acesso à mesma são fundamentais para a sua inclusão no país de imersão e um fator essencial para a igualdade de direitos. Sem a capacidade de usar a língua proficuamente, não estarão em circunstâncias de igualdade com os restantes alunos e não terão também as mesmas probabilidades de sucesso escolar como os outros alunos, que são falantes nativos.

## **1.2 A Comunicação Oral na sala de aula**

O termo Comunicação é bastante abrangente e complexo e é difícil abordá-lo em todas as suas vertentes, dados os aspetos da sua imensidão e riqueza de sentido.

A comunicação é "o processo pelo qual um emissor se relaciona com um receptor através de uma mensagem transmitida em código por um canal". (Hilda Santos, in *Comunicar em sala de aula*, 1999: 7). A comunicação é tomada como um processo de intercâmbio de informação.

A nossa reflexão sobre este termo fundamenta-se na Comunicação enquanto competência a adquirir no âmbito do ensino-aprendizagem das línguas, uma vez que o projeto que serve de base a este trabalho tem como competência principal visada a Comunicação Oral. Verifica-se que nas escolas, mais concretamente em contexto de sala de aula, a competência da Oralidade não é uma competência que seja valorizada. Esta competência tem ficado sempre desvalorizada em relação à escrita, leitura e gramática. Vários estudos foram sendo feitos em torno destas competências e, durante muito tempo, a oralidade ocupou um lugar menor em relação às outras competências. Contudo, ao longo dos tempos, esta foi ocupando o lugar que lhe pertence, tal como aparece nos programas de língua portuguesa materna e não materna e no *Quadro Europeu Comum de Referência para o Ensino das Línguas* (2001).

O problema é que apesar de vir contemplada como competência de igual importância, os professores continuam a evitá-la nas suas aulas, negligenciando a sua importância. Utilizam-na apenas como forma de transmissão de conhecimentos e quando se fazem trabalhos orais estes são de natureza artificial e pouco adequados à

realidade. Em outros casos, o professor limita-se a falar sem parar, questionando apenas os alunos quando considera necessário.

*A oralidade continua a permanecer como um parente pobre que tanto professores, quanto alunos não sabem como abordar, desconhecendo claramente os limites do oral, assim como os trajetos do seu aperfeiçoamento* (Albuquerque, 2006: 47).

A prática da oralidade é importante nas aulas de língua materna, mas ainda o é mais nas de língua estrangeira. Para alunos de PLNM é fundamental a prática da oralidade para a sua integração no meio escolar que frequenta e no país em que vive. Todos devem possuir competências de comunicação necessárias para uma interação com o outro. “A aula torna-se, então, o contexto-base onde chegam discursos anteriores e onde se geram novas práticas discursivas, cuja focalização proporciona também o desenvolvimento integrado de uma consciência metalinguística” (Amor, 2006: 21).

O processo de ensino-aprendizagem não pode ser compreendido sem o processo de comunicação. O professor deve conseguir passar bem a sua mensagem para que os alunos a possam compreender bem e assim haver aprendizagem. Para que tal aconteça é importante que o professor conheça o nível intelectual e as informações que os alunos possuem, conheça a origem social dos alunos e o meio em que vivem, ou seja, a sua realidade social, forneça informação relativa à avaliação e à evolução dos alunos para que estes possam melhorar as suas aprendizagens. Ensinar não é só transmitir, transferir conhecimentos. Ensinar é fazer pensar, estimulando os alunos para a resolução de problemas e de situações que os rodeiam. O professor deve levar o aluno a pensar, a agir e não a adquirir os conhecimentos de forma passiva. Assim, irá conseguir transmitir-lhes novos conteúdos e ajudá-los a crescer no sentido do respeito mútuo, da cooperação e da solidariedade. A comunicação não tem de ser apenas do professor, deve haver uma troca mútua, nos dois sentidos, professor/alunos e alunos/professor. O ensino-aprendizagem opera-se quando o aluno/recetor percebe a mensagem do professor/emissor e também quando estes papéis se invertem, para o professor saber se o aluno compreendeu o que lhe foi explicado. É como um círculo em que deve haver uma reciprocidade na comunicação em aula. Uma vez que

qualquer prática pedagógica assenta no oral, cabe ao professor desencadear, através de várias estratégias, a tomada de consciência pelos alunos de modos de agir pela fala, adequados às situações de comunicação em sala de aula.

Um outro documento bastante importante que já foi referido anteriormente e que serve de referência para o estudo das línguas é o *QECR* (2001). Este quadro fornece por um lado “uma base comum para a elaboração de programas de línguas na Europa, pela descrição exaustiva daquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os conhecimentos e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua atuação”, mas por outro “considera que cada indivíduo constitui um caso particular, um ator social que tem de cumprir tarefas pela mobilização dos seus recursos cognitivos, afetivos, volitivos e o conjunto das capacidades que possui” (2001:19). Este tipo de abordagem torna o indivíduo alguém construtor do seu próprio percurso de aprendizagem de uma língua e fá-lo de forma autónoma. Concordamos com esta perspetiva do *QECR*, uma vez que consideramos muito importante o indivíduo, neste caso, cada aluno ser construtor do seu próprio percurso. No projeto de Comunicação Oral que serve de objeto de estudo e reflexão a este trabalho, procuramos incutir no aluno essa construção individual e pessoal das suas aprendizagens. O aluno deve ser capaz de analisar e avaliar a evolução do seu percurso escolar. Isso torna-o autónomo e alguém que reflete sobre as suas aprendizagens. Acreditamos que o aluno evolui mais rapidamente e de forma mais enriquecedora enquanto ser humano.

No *QECR* (2001:73), no capítulo quatro, são apresentadas algumas categorias para a descrição da prática oral das línguas pelos utilizadores. Este quadro é bastante importante para o professor de língua que deve utilizá-lo para conseguir enquadrar e ajustar as aprendizagens dos seus alunos. Ele apresenta-se como uma base de trabalho a ter em conta na escolha dos conteúdos a trabalhar e dos meios de avaliação a utilizar e oferece propostas de trabalho que possibilitam a troca de informação recíproca referida anteriormente. Para a realização do projeto de comunicação visado no presente trabalho foi utilizado este material de apoio. No entanto, deve saber-se utilizá-lo, adequando as necessidades de comunicação do público-alvo às suas motivações, características e capacidades.

Habitualmente, o ensino de uma língua não privilegia a competência da oralidade, mas sim o desenvolvimento das competências linguísticas e quando surge a oportunidade de falar com um nativo em situação real há um bloqueio e uma incapacidade. O aluno não é capaz de se expressar naturalmente, parece que se esqueceu de como se diz ou o que se diz e fica perdido. Torna-se cada vez mais importante valorizar esta competência, pois é através dela que comunicamos uns com os outros. Este quadro permite analisar de que forma as práticas da correção e avaliação levam os alunos a dialogar espontaneamente, não correndo o risco de se prenderem em determinadas situações de comunicação que o limitam aquando de uma situação real de comunicação. É neste sentido que o quadro propõe atividades de produção, receção e interação, que podem ser ajustadas ao contexto de sala de aula.

Neste sentido, pretendemos analisar mais pormenorizadamente a Comunicação oral nas suas três vertentes; compreensão, expressão e interação.

### **1.2.1 Compreensão Oral**

A Compreensão e a Expressão Oraís são competências que estão intimamente ligadas, no entanto há que ter em conta que, na aprendizagem de uma língua, a compreensão vem antes, pois cada criança conseguirá produzir quando compreender a informação. O desenvolvimento da compreensão oral de um aluno depende da extensão do seu vocabulário e da diversidade de estruturas linguísticas que adquiriu. É papel fundamental da escola o desenvolvimento desta competência nos seus alunos. É na sala de aula que se devem criar situações de desenvolvimento da mesma, para que os alunos aprendam a saber escutar discursos formais, com diferentes finalidades, a compreender o essencial da mensagem para poderem intervir em diálogos ou a realizar tarefas.

De acordo com as indicações dos *Novos Programas de Português*, do Ministério da Educação (2009), as atividades de desenvolvimento da competência de Compreensão oral devem estruturar-se em três etapas: Pré-escuta/visionamento, onde o aluno põe questões a partir de atividades tais como o título de um livro ou de um filme; escuta/visionamento, que se concretiza pela captação e retenção das

mensagens; pós-escuta/visionamento, onde o aluno consolidará os seus conhecimentos, através da correção dos exercícios realizados e da elaboração de resumos do que foi tratado.

É também referido que as aprendizagens no âmbito desta competência devem abarcar estratégias diferentes de escuta: a escuta global, para identificação global do sentido das mensagens, escuta seletiva, que consiste numa pesquisa de informação precisa e escuta pormenorizada, que visa a compreensão total do conteúdo da mensagem.

Segundo o *QECR* (2001), as atividades de compreensão poderão ser: ouvir anúncios públicos (informações, avisos, etc.); ouvir os meios de comunicação (rádio, televisão, gravações, cinema); ouvir ao vivo como membro de um auditório (teatro, reuniões públicas, conferências, espetáculos, etc.); ouvir uma conversa lateral. Muitas outras atividades poderão ser desenvolvidas em sala de aula, tendo em conta os interesses dos alunos e as suas motivações. Estes exercícios de escuta ativa em aula poderão apoiar-se em registos de informação como: tomar notas, registar tópicos, completar quadros, escolher opções, etc.

### **1.2.2 Expressão Oral**

Utilizar corretamente a língua é muito importante, uma vez que os falantes são julgados em função do seu discurso. Falar é uma comunicação que exige o conhecimento das regras que a regulam. A língua também varia muito em torno do contexto. De acordo com o *QECR*, são privilegiados quatro domínios essenciais nos quais se fundamentam as finalidades da aprendizagem e o ensino de línguas: domínio privado; domínio público, domínio profissional e domínio educativo. Estes domínios estão interligados e a aprendizagem de uma língua poderá inicialmente abarcar mais um domínio do que outro, mas no geral todos se complementam, dependendo da motivação e da finalidade de aprendizagem de uma nova língua.

No contexto escolar tem de se ter em atenção as necessidades e motivações dos alunos em questão. O aluno deve ser capaz de produzir discursos orais diversos e

corretos em português padrão. Deve ser capaz de interagir com confiança sobre assuntos do cotidiano, de interesse pessoal, social ou escolar.

De acordo com as indicações dos *Novos Programas de Português*, do Ministério da Educação (2009), as atividades de desenvolvimento da competência de Expressão oral devem estruturar-se em três etapas: planificar, interagir e avaliar. Na planificação estabelecem-se os objetivos de determinada comunicação oral, elabora-se um plano guia e selecionam-se os recursos verbais e não verbais. Na interação estão presentes as estratégias de gestão da interação, a execução linguística, que corresponde ao texto a ser produzido e a avaliação que diz respeito à auto e heteroavaliação.

Algumas atividades de expressão oral poderão ser: planificar e produzir discursos com diferentes finalidades, participar em atividades de expressão orientada, dizer textos memorizados, ler em voz alta, reproduzir trava-línguas, lengalengas, adivinhas, provérbios, etc., falar com base em notas ou comentar dados visuais (diagramas, imagens, quadros, etc.), desempenhar um papel estudado, falar espontaneamente, cantar.

Nestas atividades de produção oral, o aluno produz um texto oral que é recebido por um ou mais ouvintes.

### **1.2.3 Interação Oral**

A interação oral coloca o aluno no centro da aprendizagem. É na troca de informação, no diálogo com o outro que se aprende mais rapidamente e de forma mais espontânea. Aqui o aluno desempenha alternadamente o papel de falante e de ouvinte, estão presentes a compreensão e a expressão orais. Juntos, falante e ouvinte constroem um discurso, seguindo o princípio da cooperação. As estratégias de produção e de receção do discurso estão presentes na interação.

Assim, através do diálogo com os outros, podemos manifestar os nossos sentimentos, as nossas ideias, dar ou pedir informações.

Para Amor (2006:67):

*A condição fundamental para a aquisição/aperfeiçoamento de competências numa língua é o seu uso comunicativo – aprende-se a falar, falando, sendo um truísmo, é ainda uma máxima de que há que extrair as mais óbvias implicações em condições próximas daquelas que se colocam ao falante, no seu quotidiano*

Concordamos com a citação acima indicada, uma vez que consideramos fundamental para uma interação entre alunos que se criem atividades e situações que se aproximem o mais possível daquelas com que eles se confrontam no seu dia a dia. Se se praticarem situações que são estereotipadas, nunca conseguirão estabelecer uma relação comunicativa com outros, uma vez que não são capazes de assimilar e construir um discurso coerente.

Na sala de aula cabe ao professor ser o mediador e o regulador destes discursos e criar espaços para atividades de interação verbal. A oralidade deve ser encarada como uma competência comunicativa que aperfeiçoa o aluno, levando a uma construção de saberes baseada na troca de conhecimento entre professores e alunos. O professor deve criar atividades motivadoras e desencadeadoras da comunicação oral, adequando-as ao contexto dos alunos, à finalidade e aos destinatários, não esquecendo que a escolha de temas deve suscitar o interesse dos alunos.

De acordo com o QECR são sugeridas algumas atividades da prática da oralidade, sendo elas: conversa informal, discussão formal, debate, mesa redonda, entrevista, planeamento conjunto de atividades, trabalhos de pares, trabalhos de grupo, apresentações orais, dramatização de textos e situações, brainstorming, etc. Depois de os alunos já se sentirem mais à vontade na oralidade, a gravação de discursos pode ajudar o professor a analisar mais cuidadosamente a comunicação oral dos alunos e os alunos também poderão ter noção daquilo que têm a melhorar.

O aluno que inicia a aprendizagem de uma nova língua tem de ter noção que passa a possuir um poderoso meio de desenvolvimento pessoal, de integração social, de aquisição cultural e comunicativa.

### **1.3 Relação professor/aluno e o ambiente em sala de aula**

Será possível que a postura de um professor na sala de aula e o clima que se gera na mesma sejam propiciadores de uma boa Comunicação Oral?

Nós acreditamos que sim, que é fundamental a relação que se estabelece entre professores e alunos e também o ambiente criado em aula. Para além de criar nas salas de aulas atividades de ensino-aprendizagem que motivem os alunos a praticar a oralidade, o professor também tem de ter uma postura que coloque os seus alunos confortáveis e confiantes. “A percepção que o docente tem dos seus alunos em geral e de cada um em particular, a percepção que o aluno tem dos seus colegas e do docente na situação educativa determina a maneira de agir e reagir” (Postic, 1990: 65). Nas salas de aulas encontramos alunos com várias personalidades, várias culturas, gostos, opiniões, etc. Daí ser muito importante saber lidar com todos eles. Muitas vezes, as pessoas agem de acordo com convicções e primeiras impressões acerca de quem se aproxima ou com quem se convive. Em alguns casos aproximamo-nos de quem achamos ter alguma empatia, em outros afastamo-nos. No entanto, numa sala de aula cada vez mais heterogénea, não é possível fazer este tipo de avaliação, mas sim tentar ir ao encontro das expectativas dos nossos alunos. Sabemos que nem sempre é fácil, mas com esforço e dedicação tudo é possível. Mas este tipo de percepção não é apenas da parte do professor, é também dos alunos. No entanto, cabe ao professor ser o mediador da relação pedagógica que nem sempre se constrói de forma facilitada. Este tipo de percepção afeta e muito o relacionamento entre as duas partes. Na maioria das vezes, o professor não se liberta dos seus preconceitos e ideais e acaba por influenciar negativamente a sua relação com os alunos, pois cria expectativas positivas sobre uns e negativas sobre outros. Os alunos conseguem perceber essas diferenças e forma-se um hiato cada vez maior entre esses alunos e o professor. O professor tem de se libertar de todos esses preconceitos e esperar o melhor dos seus alunos apesar das suas expectativas iniciais. Consideramos que estas situações atrapalham e bloqueiam a relação comunicativa entre o professor e os alunos e entre os alunos entre si. Se um professor mostra expectativas negativas em relação a um aluno, esse aluno vai retrair-se e quando o professor pedir para intervir, ele não vai ser capaz de corresponder, mesmo que ele tivesse intenção de participar mais ativamente na aula, não iria fazê-lo,



uma vez que sabia que não ia corresponder ao que o professor queria. A desmotivação dos alunos é um fator de insucesso escolar e também de indisciplina. É necessário procurar em cada aluno a vontade e o desejo de aprender, motivá-lo para a aprendizagem. “Os professores competentes respeitam a diferença de aptidão dos alunos, diversificando as metodologias de ensino, os recursos utilizados e os instrumentos de avaliação das aprendizagens” (Estanqueiro, 2012: 12). Tanto alunos como professores têm maneiras diferentes de ensinar e de aprender. Não há ninguém igual. O importante é ajudar o aluno a evoluir nas suas aprendizagens, desenvolvendo gradualmente as suas capacidades, na conquista do sucesso escolar. O professor deve também ajudá-lo a construir o seu percurso de forma autónoma, dando-lhe ferramentas para tal.

Um outro aspeto desta relação que pode influenciar positivamente a comunicação em aula é o feedback do professor para com os seus alunos e os reforços positivos. Mas este feedback positivo não necessita ser sempre verbal, às vezes através de um pequeno gesto ou expressão facial encoraja-se um aluno a intervir oralmente nas atividades da aula. Tanto o feedback verbal como o não verbal poderão ser muito positivos na interação numa sala de aula. “É fundamental que o professor utilize com regularidade esta técnica de comunicação e que promova nos seus alunos a capacidade para se questionarem a si mesmos, no sentido de saber se perceberam aquilo que lhes foi transmitido” (Vieira, 2005: 18). Esta troca de informação entre o professor e os alunos é essencial para ambos se compreenderem e para a melhoria do trabalho dos alunos e do professor. Esta relação deve procurar ser construtiva e positiva. O feedback positivo influencia também a motivação do aluno e, consequentemente, o seu sucesso escolar, pois sente-se encorajado e confiante das suas capacidades e reforça a sua autoestima.

O clima em sala de aula é outro aspeto relevante para a construção das aprendizagens e para uma boa interação entre professor e alunos. A sala de aula é o espaço onde se passa a maior parte do tempo e tem de possuir um clima facilitador das aprendizagens e um à vontade para participar e intervir nas atividades. O modo como professor e alunos se relacionam constrói-se com o tempo e a partir da forma como a turma como grupo interage entre si. Tudo isso é determinado pelo grau de

cooperação e de envolvimento dos alunos nas aprendizagens e na forma como o professor consegue mobilizar os alunos para essas aprendizagens. Se o professor se mostrar agressivo ou pouco interessado para com os alunos, estes irão perceber e a resposta será negativa também. Este é um processo que se equilibra na estabilidade e na procura constante de motivação dos alunos. Cada turma é uma turma e cada aluno é um ser individual com as suas características e o professor deve procurar ir ao encontro dos interesses dos alunos, criar atividades que os coloquem dentro das suas realidades para poder conhecê-los e deixá-los darem a conhecer-se. Se não houver um clima de confiança, os alunos não irão, espontaneamente, expor-se nem participar positivamente na aula. A assertividade do professor ao apresentar tarefas ou dar indicações é muito importante, pois é fundamental que siga sempre uma mesma linha de orientação e que mostre que na sua aula eles podem participar sem medo de errar, pois errar é humano. Eles encontram-se na aula para aprender e para evoluir no seu percurso de aprendizagem. Algumas vezes os alunos são penalizados por respostas e intervenções incorretas e deixam de ter vontade de participar. Outras vezes, são alunos que sofrem de maus tratos pelos colegas de turma e com receio de troçarem com eles evitam expor-se. A sala de aula deve ser um espaço onde não haja oportunidade para um clima de represália nem de humilhações. O aluno deve sentir-se seguro, sem medo de errar, de forma a evoluir progressivamente e com confiança na figura do professor e, sobretudo, em si mesmo. Só assim vencerá as suas dificuldades e será capaz de interagir com os outros em qualquer situação que se lhe apresente.

#### **1.4 Reflexões**

Num mundo em constante desenvolvimento e mudança e numa sociedade cada vez mais competitiva, urge dar formação adequada aos nossos alunos, especialmente os de PLNM, que não têm nacionalidade portuguesa e dessa forma torna-se mais difícil o acesso à igualdade de oportunidades numa sociedade em contínua evolução. A língua deve ser dominada e apreendida, para que não se torne uma barreira.

Neste sentido, consideramos a Comunicação Oral uma competência fundamental nas aulas de PLNM, uma vez que é através da oralidade que nos

relacionamos com os outros. Para alunos que se encontram em países em que a língua materna não seja a sua, é fundamental que dominem a língua do país para se poderem integrar na comunidade escolar, que é o meio onde passam mais tempo, mas também na sociedade em geral, pois é o país onde estão a viver.

*A escola é o espaço privilegiado para o desenvolvimento da integração social, cultural e profissional das crianças e jovens recém-chegados. O seu sucesso escolar, intrinsecamente ligado ao domínio da língua portuguesa, é o fator essencial desta integração (DGIDC, 2005: 3).*

O ensino deve ter em consideração que:

*o português é a língua de comunicação, para a receção e produção de mensagens orais e escritas de âmbito pessoal, escolar e social; é a língua de escolarização, veículo do conhecimento disponibilizado pela escola; é o instrumento de integração no seio de uma sociedade plurilingue e pluricultural (DGIDC, 2008: 6).*

São ainda objetivos da escola:

- “repensar a educação em função da diversidade linguística e cultural, incentivando uma cultura de escola;
- flexibilizar as práticas de ensino, adequando-as às necessidades dos alunos e mobilizando os seus conhecimentos linguísticos e outros, de modo a facilitar o acesso ao currículo comum;
- garantir a integração dos alunos, não só a nível escolar, mas também a nível socioafetivo;
- garantir a participação dos alunos enquanto cidadãos de direito próprio obrigados aos mesmos deveres e com os mesmos direitos que os cidadãos nacionais;
- criar condições de acolhimento e acompanhamento no processo de aprendizagem. Estas condições e estruturas deverão assegurar a integração de todos os alunos e o acesso ao currículo de forma faseada para os alunos cujas necessidades de aprendizagem os situam na fase de iniciação à língua.” (DGIDC, 2005: 3 e 4).

A prática da língua portuguesa é essencial para o acolhimento e integração de cada aluno proveniente de um outro país. Para o cumprimento destes pressupostos dos documentos do Ministério tem de haver um envolvimento de toda a comunidade escolar, desde professores e diretores, a funcionários e restantes alunos. No entanto, recai sobre a figura do professor a maior responsabilidade, visto que é com ele que o aluno tem as suas aulas, não apenas o professor da disciplina de PLN, mas os professores de outras disciplinas. No entanto, tal como referimos anteriormente, a maior parte dos professores não tem uma especialização no ensino de português como língua segunda e língua estrangeira e todas estas diretrizes do Ministério que consideramos muito importantes, não estão a ser colocadas em prática nas escolas. Julgamos que devia haver um maior conhecimento e formação nesta área de forma a propiciar as melhores condições de ensino-aprendizagem para alunos oriundos de outros países.

Os professores deviam implementar atividades que fossem ao encontro das dificuldades dos seus alunos e não se limitassem a seguir as atividades dos manuais. A Comunicação Oral, que é a competência visada no nosso trabalho e que defendemos ser muito importante na formação destes alunos, não está a ser trabalhada da forma que devia.

A competência comunicativa é essencial para o percurso de qualquer aluno. Constatamos que até nas aulas de português língua materna esta competência não é trabalhada de forma igual à de escrita, leitura e gramática. Os professores resistem cada vez mais a trabalhá-la nas suas aulas. Alguns alegam que é difícil avaliá-la, outros que estas atividades geram alguma indisciplina em sala de aula, outros que têm de “dar a matéria”, senão não cumprem o programa e ainda há outros que, tendo consciência de que é preciso criar atividades diferentes das que constam nos manuais, afirmam que dá muito trabalho fazê-lo. Admitimos que não é fácil trabalhar esta competência, no entanto, não é por esse motivo que devemos deixar de o fazer nas nossas aulas, ignorando esta competência igualmente importante como as outras e que é fundamental para a aprendizagem dos alunos. É preciso contrariar estas ideias estereotipadas acerca da oralidade nas aulas, para que os nossos alunos sejam bons comunicadores e se tornem cidadãos cada vez mais preparados para o futuro. Se por

um lado o silêncio dos alunos é propício para o professor explicar os conteúdos, também é importante que ele possa participar colocando questões ou dando a sua opinião.

Consideramos que esta competência deve começar a ser trabalhada desde cedo nas escolas, para que quando os alunos cheguem ao ensino secundário, não sejam capazes de expressar uma opinião adequadamente e muito menos fazer uma exposição oral.

As atividades não se limitam a participar oralmente nas aulas e a responder às questões do professor. No quotidiano, estes alunos enfrentam a barreira da língua em variados contextos. A prática da oralidade não se confina à sala de aula, mas é aí que deve começar a ser trabalhada e explorada, de forma a ajudar os alunos a ultrapassar as suas dificuldades.

A avaliação da comunicação oral deve estar sempre presente, através de grelhas específicas. Não deve apenas ser o professor a fazer registo da avaliação, mas também os alunos deverão avaliar a sua performance e a dos seus colegas. Desta forma, os comentários daí resultantes devem ser tidos em conta e as falhas minimizadas. Este método de avaliação ajuda não só os alunos que estão a ser avaliados como todos os outros que se apercebem dos erros que não devem cometer quando forem eles a ser avaliados. É necessário que o aluno tenha consciência da importância da oralidade, pois só assim terá estímulo para a praticar sem receios.

A oralidade poderá ser avaliada tendo em conta alguns parâmetros como a pertinência das perguntas, a qualidade das respostas, a clareza e o rigor do discurso. Estes são apenas alguns exemplos de como avaliar as intervenções dos alunos. Julgamos que é mais produtiva uma boa comunicação do que o silêncio constante na sala de aula, ouvindo-se apenas o monólogo do professor.

Um outro aspeto muito importante na oralidade são os contextos. Na aprendizagem do português como língua segunda ou estrangeira existem subtilezas linguísticas que o falante só se apercebe ao praticar a língua em contexto. Um exemplo disso são as expressões idiomáticas que, geralmente, criam algumas confusões de

compreensão e de aplicação. Por vezes utilizam-se expressões e palavras fora de contexto que originam a incompreensão e a incoerência do discurso.

Os usos que fazemos da linguagem têm como base um complexo sistema cognitivo, pois engloba diferentes níveis de funcionamento como a organização, o comportamento, a estrutura, o som que estão presentes na comunicação oral. O professor tem de criar atividades que estimulem estes níveis através do léxico, da fonética, da pronúncia, do ritmo, da entoação, das regras gramaticais e sociolinguísticas para que o aluno seja capaz de comunicar dentro e fora da sala de aula. O aluno tem também de compreender as regras da sociedade em que se insere, sabendo quando deve ou não falar. Estes são aspetos específicos de uma língua e cultura que se deve também dar a conhecer ao aluno para que ele seja competente na língua. O QECR (2001:29) refere que:

*o uso de uma língua abrangendo a sua aprendizagem inclui as ações realizadas pelas pessoas que, como indivíduos e como atores sociais, desenvolvem um conjunto de competências gerais e, particularmente, competências comunicativas em língua. As pessoas utilizam as competências à sua disposição em vários contextos, em diferentes condições, sujeitas a diversas limitações, com o fim de realizarem atividades linguísticas que implicam processos linguísticos para produzirem e/ou receberem textos relacionados com temas pertencentes a domínios específicos*

Se não forem criadas e desenvolvidas atividades que desenvolvam a cognição, o aluno não será capaz de falar espontaneamente e conseguir corresponder a todas as exigências linguísticas, em variados contextos linguísticos.

Na maioria das vezes, em sala de aula, são os professores que falam e os alunos respondem. Os professores são capazes de falar três vezes mais do que os alunos e estes não estranham. Parece que esta ideia já está tão enraizada que todos realizam papéis sem os questionar. Os professores porque julgam que enquanto falam os alunos escutam e estão calados e os alunos porque preferem que os professores falem enquanto eles pensam noutros assuntos e não são incomodados. Em alguma disciplina onde lhes é pedido uma exposição oral ou que intervenham de alguma forma surgem os bloqueios, os nervos, as hesitações e, por vezes, a recusa em fazê-lo.

Essas dificuldades poderão ser de natureza psicoafectiva ou no campo linguístico- discursivo, pois ou não se sentem confiantes a falar perante o outro ou não conseguem organizar e construir o seu discurso.

*É necessário um trabalho muito grande para a aprendizagem sistemática do oral, nas suas diferentes modalidades, nomeadamente a especialização dos discursos, o domínio instrumental das técnicas de comunicação e a tomada de consciência desse saber, com vista ao aperfeiçoamento e à atualização em novas situações, na perspectiva de realização plena do indivíduo (Amor,2006: 62)*

O professor deve ter conhecimento das várias modalidades da oralidade para que consiga exercer o papel de mediador no processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos.

A oralidade não é uma competência fácil de trabalhar, como já referimos anteriormente, pois exige um treino da língua de forma a possuir competência linguística. Daí que seja fundamental para os alunos de PLNM a praticarem bastante para se tornarem falantes competentes na língua portuguesa.

A oralidade deve ser espontânea, aberta e evolutiva. É essencial que se compreenda a mensagem que se quer transmitir e as intenções comunicativas para se poder interagir. As condições de produção do oral e a forma de receção são fundamentais para a compreensão da mensagem e a adequação ao contexto. Caso contrário, a mensagem não chega ao recetor e não encontramos comunicação. Assim, é imprescindível dotar os nossos alunos de capacidades que os permitam comunicar de forma eficaz, para que a descodificação da mensagem seja feita corretamente.

Um outro aspeto igualmente importante na comunicação é a forma como o fazemos. A entoação, a voz e a pronúncia também podem prejudicar a compreensão da nossa mensagem. Quando comunicamos com alguém ou para alguém devemos ter em atenção estes aspetos para que nos compreendam. Por vezes, o aluno com medo de pronunciar mal fala baixo e depois não se compreende o que disse. Esta incapacidade de se expressar oralmente poderá colocar o aluno numa posição difícil perante a turma, os seus colegas e também para si mesmo. Tendo em conta que vive o período da adolescência estas situações poderão ser traumatizantes. Uma vez que a

comunicação compreende não só a compreensão, a expressão e a interação orais isso pode afetá-lo em vários níveis da sua vida, não só nesse momento como no futuro.

De acordo com Albuquerque (2006), a oralidade pode e deve ser ensinada aos nossos alunos. A autora considera dois campos de competências a desenvolver: “um saber-fazer”, que abarca o aspeto cognitivo do aluno, ou seja, o desenvolvimento do seu raciocínio e a organização do pensamento e um “saber-ser”, que resulta também numa forma de estar, ou seja, é um trabalho sobre a imagem e postura do aluno, como alguém confiante da sua performance comunicativa, que sabe expressar-se corretamente. Concordamos com esta autora, na medida em que acreditamos ser possível ensinar o aluno a descobrir e trabalhar estas competências ou ajudá-lo a construí-las. Ao dominar a oralidade, o aluno será capaz de apreender mais facilmente outros conteúdos contribuindo para o sucesso nas outras disciplinas também.

As atividades comunicativas não podem ser compreendidas como atividades que aparecem isoladas numa ou noutra aula. Deve ser uma constante na aula de língua, entendida numa perspetiva social da palavra. Mas fazer com que os alunos falem espontaneamente a língua de aprendizagem requer atividades comunicativas significativas, começando por apenas situações informais como cumprimentar, falar do dia de aulas, das disciplinas desse dia, quando terão testes ou o que fizeram no fim de semana, etc. Estes atos praticados regularmente e de forma contínua favorecem a aprendizagem da língua e também a espontaneidade da fala, uma vez que ao comunicar vão memorizando algum léxico e estruturas simples da língua. É também uma forma de se adaptar aos contextos sociais, referidos anteriormente, nomeadamente os contextos sociais da comunidade e vida escolares. Esta poderá ser a primeira de muitas atividades do quotidiano. Outra forma de os levar a comunicar espontaneamente será escolher um tema do seu interesse, para lhes despertar a curiosidade e o interesse de interagir. Uma rotina de comunicação poderia ser uma atividade neste sentido, pois cada dia alguém escolheria algo ou alguém para falar sobre. Exercícios e jogos de índole comunicativa, bem como a apresentação de um tema à turma podem também favorecer a produção oral espontânea ou preparada, tendo em vista o enriquecimento lexical e semântico e desenvolvendo a capacidade de expressão, argumentação e criatividade.



No treino da aprendizagem de uma língua a memorização é muito importante, pois permite enriquecer o vocabulário e evitar algumas falhas na comunicação por falta de palavras no discurso. Algumas tarefas como: reunir, ordenar palavras, partes de diálogos, algumas estruturas e expressões utilizando suportes visuais e audiovisuais asseguram uma melhor memorização. As rotinas de comunicação, que referimos anteriormente, são um bom exemplo destas atividades ou o desenvolvimento de campos lexicais.

Concluimos que o treino da comunicação em sala de aula é muito importante, pois não só ajuda o aluno a desenvolver as suas capacidades comunicativas, tornando-o um falante competente na língua de aprendizagem, como também o dota de competências que lhe permitem uma melhor e maior integração no novo país em que vive. Para tal é necessário que os professores tenham consciência deste facto e comecem a criar mais estratégias de ensino-aprendizagem de oralidade nas suas aulas e não tenham receio de comunicar com os seus alunos.

## **CAPÍTULO 2: Contextualização do Estudo de Caso e da Escola**

### **2.1 Perfil do aluno**

O aluno sobre o qual incide o nosso estudo de caso frequentava o 10º ano de escolaridade, na Escola Secundária de Pinhal Novo, no ano letivo de 2010/2011. Ele estava inserido numa turma de ensino regular, de Ciências Socioeconómicas. No entanto, apesar de se encontrar numa turma regular, frequentava as aulas de Português Língua Não Materna, consoante as indicações do Ministério da Educação.

A escolha deste aluno para o estudo de caso prende-se com o facto de este apresentar características muito diversas, não só a nível da sua personalidade e forma de estar em sala de aula, mas também a nível das suas aquisições linguísticas em PLNM. Assim, julgámos que se enquadraria nos padrões por nós selecionados mostrar as alterações ocorridas durante e após a implementação do projeto de Comunicação Oral.

Ao nosso aluno iremos dar o nome de XP. Na disciplina de PLNM, a turma era constituída por seis alunos: quatro rapazes e duas raparigas. Eram alunos provenientes de vários países: Alemanha, Moldávia, Angola e Cabo Verde. XP era de nacionalidade cabo-verdiana, tinha dezoito anos e estava em Portugal há dois anos. Veio para Portugal, pois a sua mãe tinha arranjado um emprego e queria dar melhores condições de vida aos seus filhos. Vivia no Pinhal Novo com a mãe e a irmã. O pai tinha ficado em Cabo Verde, a morar com os avós do aluno, mas pretendia juntar dinheiro para se juntar à família nuclear. Este aluno era o que falava mais em voltar para o seu país devido às saudades que tinha das suas raízes, dos seus amigos, da sua família e da vida que tinha lá. Apesar de saber que vivia em melhores condições em Portugal sentia falta de tudo o que tanto gostava e tinha deixado para trás. Em Cabo Verde a vida não era fácil para os seus pais, pois estes não tinham muitas possibilidades de lhe oferecer uma vida e um futuro melhores. A sua mãe trabalhava muito e por muito pouco dinheiro. Daí terem decidido vir para Portugal na esperança de melhoria de vida. Quando chegaram a Portugal foram viver para casa de uns tios que já viviam no país há dez anos, mas já tinham conseguido alugar uma casa para eles. XP falava cabo-

verdiano em casa e português na escola. Contudo, quando estava com o seu colega de turma, também de Cabo Verde, ambos falavam crioulo, mesmo na escola. Este aluno era falante de uma língua crioula de base lexical portuguesa, mas tinha ao seu dispor como língua segunda uma versão escolarizada do português. Na escola a língua oficial era o português. No entanto, com os amigos e a família, falava sempre crioulo. Esta miscelânea das duas línguas dificultou muito a sua integração no país. Segundo o aluno teve muitas dificuldades de integração em Portugal, pois estava muito habituado ao seu país, aos seus amigos, à sua cultura e a hábitos que diferem dos portugueses. Para além de estudar o português como língua oficial, aprendeu também inglês, que considerava não dominar bem.

De acordo com o documento *Português Língua Não Materna no Currículo Nacional - Perfis linguísticos* (ME-DGIDC, 2006: 6), o aluno XP integrava-se no grupo de:

*alunos cujos pais são originários de um país africano em que o português é língua oficial e que têm como língua materna ou como língua veicular uma língua crioula de base lexical portuguesa; fazem parte deste grupo os filhos de cabo-verdianos, de guineenses e de são-timorenses*

No que respeita ao perfil do aluno em contexto de sala de aula, este caracterizava-se por ser um aluno passivo, tímido e introvertido. Era um aluno que ficava sempre em silêncio, observando o que o rodeava. Realizava todas as atividades de escrita e gramática propostas, no entanto se tivesse dúvidas não as colocava com receio de dizer algo errado. Quando era pressionado a participar oralmente, ficava com vergonha e mal se percebia aquilo que dizia. Tinha falta de iniciativa, vivia no seu pequeno mundo, à parte de todos. Mostrava-se sempre ansioso e nervoso perante uma questão ou apenas quando se dirigiam a ele e ficava no centro das atenções. Queria sempre passar despercebido, escondendo-se atrás do seu amigo também cabo-verdiano.

Com o tempo percebemos que possuía uma baixa autoestima, falta de motivação e baixo conceito de si mesmo, que se agravou durante o primeiro ano de permanência em Portugal. Tudo isto se deveu à sua não integração na turma onde foi colocado. Desde o início, como ele não comunicava muito, começaram a reparar na sua pronúncia, no seu modo de falar e foi alvo de troça por parte de alguns colegas da

turma. Sempre que participava na aula troçavam dele e riam. Começou a sentir-se sempre posto de parte e dessa forma também ele se afastava do resto da turma, preferindo andar sozinho ou com o seu amigo da mesma nacionalidade. Pouco conversava com os seus colegas e pouco interagia com a turma e com os professores.

Quando colocado nas aulas de PLNM, o aluno mostrou-se desde o início hesitante e reservado. Não conhecia os seus colegas de outras nacionalidades, apenas o já referido colega de Cabo Verde, com quem interagia baixinho. Para fazer a sua apresentação pessoal, referiu apenas o seu nome, idade e país de origem. Não conseguiu dizer mais nada.

No entanto, realizava os trabalhos escritos, com algumas dificuldades, mas sem problemas em fazê-lo. Quando pressionado para falar, ria-se nervosamente ou baixava a cabeça envergonhado e muito corado e quase não se ouvia nem percebia nada.

Apesar de se mostrar uma pessoa tímida e introspetiva, mostrava-se sempre um aluno educado, simpático, trabalhador e esforçado. O seu maior obstáculo encontrava-se na oralidade e na interação com os outros.

### **2.1.1 Motivações e interesses do aluno**

XP tinha como sonho ser jogador de futebol. Adorava jogar à bola e fazia-o sempre que tinha tempo livre. Nesse desporto sentia-se livre e igual ou melhor que os seus colegas. Ali ele não precisava de falar muito, bastava fazer aquilo que gostava e sabia fazer muito bem, “magia com a bola”, como referia. Gostava de um dia jogar na seleção africana. Quando estava em casa gostava de estar no computador para falar com os seus amigos de Cabo Verde. Mais uma característica de alguém que prefere refugiar-se em casa, em vez de comunicar pessoalmente com os outros, apesar de estes amigos falarem a sua língua materna.

XP gostava de estar em casa no computador ou na rua a jogar à bola. Dizia que gostava de morar em Portugal, que era um país acolhedor, mas não gostava dos seus colegas de turma. No entanto, perto da sua casa, tinha vizinhos que considerava muito simpáticos e com quem praticava futebol. Gostava também de ir para a biblioteca da escola ler livros de ficção científica ou ver Dvd's com filmes de comédia. Portugal era

visto como um país com melhores condições de vida e como uma terra de oportunidades e de um futuro melhor. Contudo, Cabo Verde era o país do seu coração e para onde queria voltar, se pudesse.

Em Portugal ele gostava de passear pelas ruas, ver as montras, provar pratos típicos do país. Em casa adorava que a sua mãe cozinhasse pratos típicos do seu país para “matar saudades” de lá.

### **2.1.2 Inserção no nível de proficiência**

Apesar de XP já frequentar a escola portuguesa há um ano, foi-lhe aplicada uma prova escrita de avaliação diagnóstica de português língua não materna (anexo 1) para avaliação e inserção no nível de proficiência.

A prova foi realizada no início do ano pelo primeiro professor da turma. Esta prova tinha três níveis: A1/A2, B1 e B2, ou seja, iniciação, intermédio e avançado e tinha a duração de noventa minutos. No primeiro nível encontravam-se exercícios de completamento, associação de ideias, resposta múltipla e produção escrita de um pequeno texto. No segundo nível apresentavam-se exercícios de resposta a um questionário sobre um texto, colocação adequada de pronomes em frases, completamento de espaços com formas verbais, utilização do discurso indireto e produção de uma carta. O último nível apresentava um texto informativo sobre uma temática. Nele encontravam-se exercícios de escolha múltipla com afirmações muito semelhantes, resposta a perguntas sobre o texto e uma produção escrita onde o aluno tinha de dar a sua opinião e expor os seus argumentos.

Após consulta da prova e do resultado da mesma, concluímos que o aluno XP foi colocado no nível B1. Para que se tenha uma ideia mais específica da performance do aluno e do percurso que realizou, passamos a enunciar os resultados da sua prova. O exercício um correspondia a uma associação de pergunta e resposta num contexto de saber responder a questões simples como; “Como te chamas?”. O aluno não apresentou quaisquer dificuldades, acertando em todas as associações. No segundo exercício tinha de selecionar de entre duas frases aquela que estava correta, do ponto de vista linguístico. O aluno apenas errou na alínea 2.9. Nesta alínea o aluno tinha de

escolher entre: “a) Eu levo ele a minha casa” e “b) Eu levo-o a minha casa”. O aluno selecionou a alínea a), demonstrando já dificuldades na pronominalização de frases. No exercício três, devia escolher uma das opções indicadas, selecionando a verdadeira, tendo em conta o conteúdo do texto apresentado. O aluno fez a escolha correta. No exercício quatro, que correspondia à elaboração de questões para as respostas apresentadas, XP teve dificuldades nas alíneas e) e g). Na alínea e) encontrávamos a seguinte resposta: “Às vezes estuda com os colegas”. XP apresentou a seguinte resposta para a pergunta: “Quando estuda ele?”, que não pode ser considerado correto. Na alínea g) a resposta era a seguinte: “Demora cerca de quinze minutos”. XP não conseguiu preencher este item. No último exercício, de produção de um pequeno texto, as maiores dificuldades centraram-se principalmente na ausência de colocação dos determinantes artigos definidos e indefinidos antes dos nomes e na conjugação de alguns verbos. Tendo em conta o conteúdo do texto, este apresentava um vocabulário simples, mas continha as ideias relativas ao tema pedido: um dia muito divertido de férias. XP falou de um dia em que foi à praia com a sua família e levou o seu amigo da escola. Conta também que nadou muito e jogou à bola na areia.

Quanto aos exercícios do grupo de nível intermédio, o aluno conseguiu compreender o texto apresentado e respondeu corretamente às questões no que respeita ao conteúdo. No entanto, apresentou erros de concordância verbal e de sujeito, erros gramaticais e ausência de alguns determinantes artigos definidos e indefinidos. No exercício dois, o aluno devia fazer a substituição dos nomes pelo pronome adequado, de complemento direto. Neste exercício, XP teve algumas dificuldades, misturando os pronomes. Por exemplo, nas alíneas b) e c) onde deveria ter colocado “leiam-no”, ele colocou “leiam-o” e na seguinte deveria ser “trá-las” e ele colocou “trás-as”. Na alínea d) colocou um pronome de substituição de complemento indireto. A resposta correta seria “ofereci-o” e ele colocou “ofereci-lhe”. O aluno revelou uma grande dificuldade em substituir os nomes por pronomes e alguma confusão entre aqueles que substituem o complemento direto e o complemento indireto.

Quanto ao exercício número três, de conjugação verbal, XP conseguiu conjugar alguns verbos corretamente. No entanto, verificou-se alguma dificuldade em fazer

concordar o sujeito com a forma verbal. Por exemplo, na penúltima conjugação, onde deveria ter colocado “Eles têm”, ele colocou “Eles tem”. No exercício quatro, deveria passar as frases apresentadas que se encontravam em discurso direto para o discurso indireto. XP teve dificuldade em fazer a troca dos tempos verbais, não acertando em nenhum. No entanto conseguiu perceber a troca entre um tipo de discurso e o outro. No exercício cinco, de completamento das preposições, conseguiu completar quase todos os espaçamentos de forma correta, exceto o último, que colocou “do” em vez de “pelo”. No último exercício, de produção escrita, conseguiu elaborar uma carta, enunciando algumas características próprias da mesma, como a data, o local, a introdução e a despedida e em termos de conteúdo também correspondia ao que era pedido. No entanto, continuou a revelar alguma dificuldade na concordância verbal e na concordância do género e número das palavras. A carta também não era muito extensa, possuía apenas cinco linhas de texto.

No que respeita aos exercícios do nível três, XP teve alguma dificuldade na compreensão do texto, daí não ter acertado na seleção da expressão que se adequava melhor ao conteúdo do texto. Não respondeu à questão número dois, pois disse mais tarde não ter compreendido o significado da palavra “sinistralidade”. Concluimos que o aluno não conseguiu responder adequadamente aos exercícios de nível avançado, pois não compreendeu algum vocabulário do texto. No exercício quatro, de produção textual, realizou um texto de duas linhas, onde dizia que gostava mais da última imagem. XP revelou que não compreendeu a questão, pois não foi capaz de explicar e relacionar as imagens com os estilos musicais, como era pedido na questão.

Desta forma, após a correção da referida prova, o aluno foi colocado no nível B1. No que respeita à prova oral, colocámos ao aluno um conjunto de questões para aferir o seu nível de compreensão e de expressão orais. As questões colocadas eram da seguinte natureza: nome, idade, línguas faladas, passatempos, caracterizar-se como pessoa, física e psicologicamente, local de nascimento, motivo para ter vindo para Portugal, há quanto tempo estava em Portugal, se gostava da escola, o que pensava da escola, o que pensava dos portugueses, como vivia em Portugal, enumerar algumas diferenças entre o seu país e Portugal. XP ficou colocado no nível A1, pois não conseguiu responder à maior parte das questões que lhe foram colocadas. Ficou

retraído e, mesmo que mostrasse ter compreendido o que se lhe perguntava, não era capaz de expressar nenhuma resposta. Só conseguiu apresentar respostas curtas como o seu nome, idade e país de origem. Nas perguntas onde tinha de dar a sua opinião, que eram pessoais ou onde tinha de dar uma resposta mais completa, sorria e não dizia nada.

### **2.1.3 Dificuldades sentidas pelo aluno**

Após a análise dos resultados das provas de inserção no nível e da prova oral, apresentámos ao aluno um pequeno questionário para identificação das suas dificuldades em relação ao ensino da língua portuguesa. Neste pequeno questionário, o aluno indicava nas várias competências (compreensão oral, expressão oral, leitura, escrita e gramática) aquilo que se achava capaz de fazer e o que não conseguia realizar. Este tipo de atividade foi realizado, uma vez que se considera de extrema importância saber a opinião do aluno sobre a sua aprendizagem e dificuldades, de forma a melhorar o seu ensino e a aquisição das suas competências.

No que respeita a compreensão oral, XP respondeu que conseguia compreender a língua, se se falasse de forma pausada e se o vocabulário fosse simples. Se se falasse muito rápido não conseguia perceber o que lhe diziam. Referiu também que tinha algumas dificuldades em compreender algumas pronúncias diferentes. Quanto à expressão oral, o aluno tinha noção de que quase não conseguia falar nem comunicar com os outros. Indicou que não possuía vocabulário suficiente para se exprimir e que tinha algum receio em ser alvo de troça por parte dos colegas, se dissesse algo incoerente. Receava também não adaptar o seu discurso ao contexto. Como não sabia muitas expressões e tinha dificuldade em construir frases, isso bloqueava a sua expressão oral. Considerava também que não pronunciava bem algumas palavras, nomeadamente a letra [R] o que provocava o riso dos outros. No que respeita à leitura, segundo o aluno ele conseguia ler, mas devagar e algumas palavras eram difíceis de dizer. Mas achava que não tinha tantas dificuldades como na oralidade.



Quanto ao domínio da escrita, achava que conseguia escrever alguns textos, embora tivesse consciência dos seus erros, como a troca do género das palavras e os verbos mal aplicados e mal conjugados. Quanto à compreensão de textos escritos, referiu que compreendia a maior parte, se o vocabulário não fosse muito difícil e desconhecido.

No domínio da gramática, sabia que não era capaz de saber bem os tempos verbais, de efetuar as contrações das preposições e também não usava muito os determinantes artigos definidos e indefinidos antes dos nomes.

No geral, de acordo com a perspetiva do aluno, uma das suas maiores dificuldades residia na expressão e compreensão orais, uma vez que não estava habituado a praticar esta competência em aula, somente nos intervalos com o seu colega. No entanto, as outras competências também apresentavam falhas, como será referido, de forma mais detalhada, no capítulo cinco, relativamente às competências do aluno antes da implementação do projeto.

## **2.2 Caracterização do meio escolar**

A Escola Secundária com 3º Ciclo de Ensino Básico de Pinhal Novo situa-se na freguesia do Pinhal Novo, concelho de Palmela, distrito de Setúbal.

Pinhal Novo tem uma superfície de 54 km<sup>2</sup> e tem uma dimensão populacional de 20974 habitantes. Integra-se numa das cinco freguesias que compõem o concelho de Palmela.

Pinhal Novo é característico pelo seu estatuto de passagem e a sua aglomeração relaciona-se com os seus acessos facilitados a Lisboa e outros destinos. Tem um fácil acesso à autoestrada e um meio de transporte privilegiado, o comboio, mesmo no centro da vila.

A partir dos anos setenta, o crescimento económico aumentou através do processo de industrialização e urbanização. Hoje é umas das vilas com mais população. Desde essa altura muitas pessoas vieram para Pinhal Novo em busca de novas oportunidades de vida. É uma vila calma, mas muito multicultural. Muitos imigrantes

escolheram esta vila para se instalarem devido à proximidade da capital, da cidade de Setúbal e dos meios de transporte para chegar às mesmas.

### **2.2.1 Organização do espaço físico da escola**

A escola de Pinhal Novo encontrava-se em remodelações no âmbito do processo de requalificação – Parque escolar, no ano em que foi implementado este projeto. No entanto, passa-se a descrever a organização do espaço físico nesse momento. Assim sendo, era constituída por seis blocos de aulas, um bloco de serviços e um bloco de balneários.

Tinha vários espaços ajardinados e arborizados, ao cuidado dos alunos de Educação e Formação de Jardinagem e Espaços Verdes. No que respeita à zona de desporto, a escola possuía: dois campos de futebol/andebol, seis campos de basquetebol, quatro campos de voleibol, dois campos de badminton, uma pista de atletismo, uma pista de velocidade, duas caixas de salto, uma zona de lançamentos e um campo de terra batida. Para além disso, a escola tinha também: um abrigo para bicicletas e motorizadas, um anfiteatro, bancos e mesas exteriores e um gabinete de psicologia.

### **2.2.2 Constituição da Escola**

No ano letivo 2010/2011 a escola apresentava uma lista de cerca de 1580 alunos. Destes alunos, 1250 frequentavam o ensino diurno, 330, o ensino noturno e 539 faziam parte do ensino secundário e 711 do ensino básico. Para além do ensino regular, a escola oferecia também cursos de Educação e Formação de adultos, diurnos e noturnos. Nesse momento possuía quatro turmas de Ensino e Formação de Adultos diurno, três turmas de Ensino e Formação de Adultos noturno e duas turmas de ensino recorrente. As turmas de Ensino e Formação de Adultos diurno funcionavam como alternativa ao currículo regular e pretendiam dar formação aos jovens com problemas de aprendizagem. Os Serviços de Psicologia e Orientação eram responsáveis pela pré-seleção dos alunos que se encontravam nas condições de frequência destes cursos.

A escola oferecia também formação nas áreas da Informática e Acompanhamento de Crianças, obtendo os alunos uma habilitação de nível II e o certificado de 9º ano. No caso dos alunos que tencionavam continuar os seus estudos tinham a possibilidade de ingressar nos cursos científico-Humanísticos de ensino secundário ou nos cursos profissionais com equivalência ao 12º ano.

Os alunos de 10º e 11º anos distribuíam-se pelos cursos Científico-Humanísticos nas áreas de: Ciências e Tecnologias, Ciências Sociais e Humanas, Ciências Sócio-Económicas e Artes Visuais e nos cursos Tecnológicos nas áreas de Informática e Marketing. Quanto aos alunos de ensino noturno estavam inseridos nos regimes de módulos.

No que respeita ao pessoal administrativo, a escola tinha ao seu serviço 52 funcionários, 52% dos quais pertencia ao quadro da escola. A média das idades do pessoal auxiliar era superior aos quarenta e seis anos. Relativamente ao pessoal docente, também 52% pertencia ao quadro da escola.

### **CAPÍTULO 3: Projeto de Comunicação Oral**

Este trabalho de projeto surgiu no âmbito de várias dificuldades apresentadas pela turma de PLNM, onde se encontrava inserido o aluno XP. Esta turma, para além de ser uma turma muito heterogênea evidenciou desde o início do ano letivo muitas lacunas na competência da Oralidade. XP, o aluno sobre o qual incide o nosso estudo, foi o aluno que se destacou pela enorme dificuldade em compreender, expressar-se e interagir oralmente.

Foram realizadas várias atividades de oralidade, mas o aluno mostrava resistência em praticá-las pois não o fazia espontaneamente. Quando pressionado, demonstrava alguma relutância na produção de enunciados orais, pois tinha receio de errar, de não se lembrar de algumas palavras que queria utilizar ou por vergonha de falar incorretamente. O aluno tinha muito receio de se expor perante os outros e assim não praticava a língua naturalmente e de forma desbloqueada.

Mas porquê um trabalho de projeto e não outra atividade que desencadeasse a oralidade? Porque consideramos que um trabalho de projeto envolve os alunos enquanto grupo e enquanto turma. “Um trabalho de projeto é um método que requer a participação de cada membro de um grupo, segundo as suas capacidades, com o objetivo de realizar um trabalho conjunto, decidido, planeado e organizado de comum acordo” (Castro, 1994:9). Assim, de forma cooperativa, os alunos entreadjudavam-se nas tarefas que tinham a realizar e interagiam mais uns com os outros. Este projeto vai ao encontro daquilo que Castro (1994) refere como funções principais:

- praticar competências sociais, tais como a comunicação, o trabalho em equipa, a gestão de conflitos, a tomada de decisões e a avaliação de processos.
- realizar aprendizagens e desenvolver múltiplas capacidades das pessoas que são os alunos (os professores também desenvolvem algumas).
- aprender a resolver problemas, partindo das situações e dos recursos existentes.

Desta forma, surgiu este projeto de comunicação oral, devido às dificuldades apresentadas pelos alunos na oralidade e também devido à ausência de atividades desta natureza no manual adotado para a disciplina de PLNM. O manual em questão,

*Português XXI* (Tavares, 2005) apresentava algumas atividades de oralidade no âmbito da compreensão oral, mas poucas no que respeita à interação e à expressão orais.

### **3.1 Caracterização do projeto**

Este projeto (anexo 2) caracterizou-se por ser um trabalho de pares sobre três temáticas: violência no namoro, gravidez na adolescência e bullying e posterior apresentação à turma. Cada par ficava com um tema. A escolha destes temas deveu-se ao facto de na escola terem ocorrido estas situações. A violência no namoro era uma problemática muito assente na escola, pois viam-se muitos casais de namorados em discussões e tivemos um caso mais grave em que o rapaz agrediu fisicamente a rapariga. Quanto à gravidez na adolescência existiram dois casos na escola, uma rapariga de catorze anos e uma de dezasseis anos. Este ainda foi mais polémico, pois os pais tinham ido à escola para pedir discutir com os rapazes e gerou-se uma grande confusão no átrio principal, com a direção e os pais envolvidos. No que respeita ao bullying, sabia-se de um caso muito evidente de um aluno do sétimo ano que sofria de abusos e de maus tratos de três colegas da turma. O aluno XP, apesar de não evidenciar sinais claros que caracterizam o bullying tinha sido alvo de chacota permanente no ano anterior pelos colegas de turma. Este era um tipo de violência um pouco mais subtil, mas que tinha afetado bastante a sua integração na escola, na turma e no meio escolar. Uma vez que estes temas eram alvo de conversas dentro e fora das aulas, julgámos pertinente abordá-los numa perspectiva responsável, consciente e preventiva, para que os alunos ficassem a saber mais sobre os temas em questão e que fosse também uma forma de desbloquear o discurso na sala de aula.

A competência principal visada era a expressão oral, mas estavam também presentes as competências de: compreensão escrita, expressão escrita, leitura, interação oral e compreensão oral. Todas estas competências foram trabalhadas ao longo de todo o projeto. Passamos a evidenciar os principais objetivos visados em cada competência.

Quanto à competência da Leitura:

- ler e perceber o sentido geral de artigos e textos informativos;

- apreender o significado de palavras ou expressões desconhecidas, partindo do contexto, desde que o assunto em questão seja familiar;

- ler para identificar informações relevantes tais como: quem fez o quê e onde;

- compreender informação relevante em textos sobre temas correntes.

Quanto à competência de Expressão Escrita:

- escrever textos estruturados, de forma simples, sobre assuntos do seu interesse e exprimir pontos de vista e opiniões pessoais;

- transmitir ou selecionar informação importante num texto simples;

- formular questões simples sobre um determinado tema de um texto;

- reescrever textos simples, de acordo com correções sugeridas pela professora;

- avaliar o seu trabalho e o dos outros.

Quanto à competência de Expressão Oral:

- fornecer, de forma breve, razões e explicações para opiniões;

- recontar, de forma simples, pequenos textos, respeitando a ordem das ideias do texto original;

- fornecer pormenores de relatos de experiências;

- formular questões sobre um determinado tema;

- usar com relativa correção um repertório de “rotinas” e fórmulas frequentes associadas a situações mais previsíveis;

- fazer uma exposição simples, antecipadamente preparada, sobre um assunto que lhe é familiar, suficientemente clara para ser seguido sem dificuldade, na maior parte do tempo, explicando as questões principais com uma precisão razoável;

- possuir linguagem suficiente, com vocabulário suficiente para se exprimir.

Quanto à competência de Interação Oral:

- desenvolver suficientemente bem uma argumentação para ser seguido sem dificuldade na maior parte do tempo;

- manter razoavelmente bem e com fluência uma descrição direta de um dos seus assuntos de interesse;

- manter uma conversa, embora, por vezes, tenha dificuldade em exprimir-se como gostaria;

- dar e pedir opiniões durante uma discussão formal;

- ser capaz de responder a questões.

Quanto à competência de Compreensão Oral:

- compreender informações de carácter elementar, tais como informações sobre um texto informativo/expositivo;

- ser capaz de compreender uma sequência falada que incida sobre assuntos correntes e de interesse do aluno.

Relativamente aos conteúdos linguísticos destacava-se o léxico relacionado com os temas e o uso adequado de articuladores de discurso.

Estavam também contempladas outras competências a nível cívico, nomeadamente: permanecer atento à informação apresentada; entender a intenção da tarefa a realizar; cooperar eficazmente no trabalho a pares; utilizar todos os materiais disponíveis para uma aprendizagem autónoma; possuir a capacidade de organizar e utilizar materiais para uma aprendizagem autodirigida.

### **3.2 Planificação do projeto**

Este projeto foi desenvolvido ao longo de cinco aulas de noventa minutos (anexo 3). Na primeira aula apresentou-se o projeto sobre as várias temáticas. Distribuíram-se os temas pelos grupos, explicitaram-se as tarefas a realizar, os guiões de trabalho e a avaliação dos alunos. Os alunos começaram por fazer uma primeira leitura dos textos selecionados, procuraram o significado das palavras desconhecidas e começaram a criar uma lista de palavras e/ou expressões.

Na segunda aula, os alunos começaram a selecionar informação dos textos e iniciaram a realização do resumo dos mesmos. Esta aula foi dedicada a estas atividades e teve a supervisão da professora para corrigir e orientar o trabalho dos alunos.

Numa terceira aula, após as correções sugeridas pela professora, os alunos reescreveram os seus resumos e começaram a planear as questões que queriam colocar aos seus colegas no dia da apresentação do seu trabalho. De seguida, explicou-se quais os parâmetros a seguir para a elaboração de uma apresentação oral e os alunos tiraram as suas dúvidas. Uma vez que nos parâmetros estavam presentes os articuladores de discurso, foram realizados alguns exercícios simples de aplicação sobre este conteúdo.

Na quarta aula, os alunos começaram a preparar as suas apresentações, preenchendo um guião de apoio e escolhendo as imagens e suportes da apresentação. Novamente, a professora esteve com cada grupo separadamente e procedeu à correção das suas apresentações, juntamente com eles. Os alunos começaram a ensaiar os seus textos.

Na quinta aula, os alunos apresentaram os seus trabalhos à turma. Cada grupo apresentou a sua temática à turma através de algumas atividades, propostas por eles, e com o auxílio da professora. Conduziram os colegas às temáticas (tendo como base o guião de trabalho e a ficha de apoio à apresentação) e, posteriormente, estabeleceram-se pontos comuns e diferentes entre elas, entrando, assim, no debate propriamente dito. De seguida, procedeu-se à auto e heteroavaliação das apresentações, onde os alunos e a professora fizeram o balanço do projeto, apreciando os aspetos positivos e negativos do trabalho.



## **CAPÍTULO 4: Análise dos Materiais**

Foram utilizados vários materiais de apoio à realização deste projeto, de forma a permitir aos alunos um maior acompanhamento na realização de cada etapa do trabalho. Julgámos importante guiar os alunos na realização de cada tarefa para que não se sentissem perdidos e sem saber por onde começar e o que fazer. Foram organizados e pensados para que cada aluno soubesse qual o seu papel no trabalho, para que as tarefas fossem equitativamente distribuídas e na perspetiva de desenvolver a competência da oralidade de forma natural e espontânea.

### **4.1 Plano individual de projeto**

O plano individual de projeto (anexo 4) apresentou-se como um pequeno dossier que servia de base ao projeto realizado. Este plano era constituído por cinco quadros. No primeiro quadro apresentavam-se os objetivos principais do trabalho e os alunos deviam preenchê-lo à medida que iam realizando as diversas atividades do projeto. Este primeiro quadro era um quadro de regulação e foi elaborado de forma a tornar o aluno mais autónomo e regulador das suas aprendizagens. O segundo quadro correspondia à heteroavaliação das apresentações dos colegas. Aqui, de acordo com uma escala de insuficiente a muito bom e com os aspetos a observar, cada aluno deveria dar a sua apreciação sobre o trabalho dos colegas, aquando da sua apresentação.

O terceiro quadro era um quadro de avaliação do trabalho a pares. Após a conclusão e apresentação do trabalho, cada aluno preenchia o quadro tendo em conta os critérios de avaliação nele indicados. O quarto quadro era a autoavaliação da apresentação oral. O aluno deveria preenchê-lo tendo em conta a sua opinião sobre o seu desempenho. O quinto era o último quadro e dizia respeito à apreciação global de todo o trabalho, era a sua autoavaliação final. Este quadro continha também uma parte para a assinatura do encarregado de educação, para que este pudesse tomar conhecimento da evolução do aluno e das suas aprendizagens.

Este plano tinha como objetivo tornar o aluno uma pessoa responsável, organizada, consciente e crítica em relação ao seu desempenho escolar. Pretendia

levar o aluno a refletir sobre o seu processo escolar para que pudesse ele mesmo saber em que aspectos devia ou podia melhorar as suas competências.

#### **4.2 Textos temáticos**

Selecionámos estes textos (anexo 5) com o objetivo de apresentar temas desencadeadores da oralidade. Assim, estes estavam relacionados com situações ocorridas na escola e eram falados e comentados por todos os alunos. Foram selecionados os seguintes: *Gravidez na Adolescência*, *Bullying* e *Violência no Namoro*. Assim, julgou-se pertinente escolher temas que fossem alvo de conversa pelos alunos e também de seu interesse como desbloqueadores do discurso oral em sala de aula.

O primeiro grupo escolheu o tema do bullying, o segundo o da gravidez na adolescência e o terceiro a violência no namoro. É de referir que as escolhas surgiram espontaneamente, sem nenhum incidente. Curiosamente, o aluno XP integrou o grupo do bullying.

Cada texto estava dividido em duas partes: a primeira continha uma definição da temática, com causas e consequências e a segunda era constituída por um testemunho de um aluno que já tinha vivenciado essa experiência, ou seja, era um exemplo de caso.

#### **4.3 Guiões de trabalho**

Os guiões de trabalho (anexo 6) foram desenvolvidos de forma a permitirem ao aluno um trabalho mais dirigido e centrado nas atividades específicas que tinham de realizar. O objetivo era o de guiar as diversas etapas do trabalho, para que soubessem sempre o que tinham de realizar e não se sentissem perdidos.

Cada guião correspondia a um cartão de cartolina, com as indicações de cada tarefa a realizar por ordem. Em primeiro lugar encontravam-se as tarefas individuais, onde tinham de ler o texto, sublinhar as palavras-chave e procurar o seu significado no dicionário. Depois tinham as tarefas a pares, onde, tendo em conta as palavras selecionadas por ambos, tinham de elaborar uma lista com aquelas que achassem mais

importantes e que os colegas também pudessem desconhecer o seu significado, para lhes poderem explicar. De seguida, teriam de elaborar o resumo do texto, procurar imagens relacionadas com o tema e que pudessem ser explicativas do que iam apresentar e preparar cinco questões para colocar aos colegas após a sua apresentação oral. Por último, tinham indicações acerca da apresentação oral. Nesta parte tinham por ordem a sequência das diferentes etapas a seguir para apresentar o trabalho. Em primeiro lugar tinham de explicar em que consistia o tema do trabalho, de seguida deveriam perguntar aos colegas se tinham compreendido o vocabulário e explicar algumas palavras desconhecidas, tinham de recontar a história do exemplo de caso e relacionar com o conhecimento comum do ocorrido na escola e, por fim, colocar as questões aos colegas de forma a proporcionar o debate/interação. Aqui não deviam esquecer de relacionar as imagens escolhidas com o tema do trabalho.

#### **4.4 Ficha de apoio à apresentação oral**

A ficha de apoio à apresentação oral (anexo 7) foi criada com o objetivo de auxiliar e organizar a preparação das apresentações dos trabalhos.

Numa primeira parte explicava em que consistia uma apresentação oral, os momentos principais que a compunham e a sugestão de utilização de suportes visuais como apoio à mesma. Tinha também algumas informações sobre o modo de agir durante a apresentação. Esta parte era mais um conjunto de conselhos a ter em conta no que respeita a postura e a exposição de ideias.

Ainda nesta ficha de apoio foi inserida informação relativa aos articuladores de discurso. No decorrer desta explicação foram realizados exercícios neste sentido para consolidar os conhecimentos dos alunos e ajudá-los a utilizá-los na preparação das suas apresentações.

Numa segunda parte, esta ficha continha um roteiro da apresentação. Aqui foi colocado um esquema com a sequência dos momentos que os alunos deveriam cumprir durante a sua apresentação, nomeadamente: o tema do nosso trabalho é.../ em primeiro lugar falaremos de... Ou seja, tinha vários retângulos que os alunos deveriam completar com a informação relativa à sua temática. Julgou-se importante

colocar este esquema de orientação de modo a facilitar a apresentação do trabalho. No momento das apresentações revelou-se bastante útil, pois os alunos seguiram todos os momentos, de forma ordenada e organizada, e ficaram contentes com o resultado.

#### **4.5 Instrumentos de avaliação do professor**

Para além da avaliação contínua nas aulas e, inclusive, no decorrer de todo o projeto, elaborámos fichas de avaliação individual do trabalho escrito e da apresentação oral.

Na avaliação individual do trabalho escrito de preparação da apresentação elaborámos uma ficha com descritores de desempenho (anexo 8) nas diferentes competências visadas no projeto. Esta ficha tinha como objetivo avaliar o desempenho de cada aluno nas diferentes competências, perceber de que forma o aluno evoluiu, melhorou, ultrapassou as suas dificuldades. Esta ficha continha uma escala de avaliação de insuficiente a muito bom.

A ficha de avaliação da apresentação (anexo 9), tinha dois quadros de registo da avaliação. O primeiro dizia respeito aos conteúdos selecionados e ao cumprimento das indicações da professora que os alunos deviam respeitar. O segundo quadro continha parâmetros relacionados com o tempo, a extensão da apresentação, tom de voz e postura.

Para além destes instrumentos de avaliação, tínhamos também o registo da realização das atividades que decorreram durante o projeto. O *portfólio europeu de línguas* (ME, 2001) serviu de base para a construção dos descritores privilegiados na primeira ficha de avaliação do desempenho das competências dos alunos. Para além de servir para a construção destes descritores, cada aluno também possuía o seu na sala de aula.

## **CAPÍTULO 5: Análise crítica e reflexiva do projeto**

Como em qualquer abordagem pedagógica todo o trabalho que se desenvolve com os alunos deve ter em conta as suas características e as suas dificuldades de modo a proporcionar-lhes um melhor desempenho e uma melhoria nas suas aprendizagens. Como tal, como foi referido anteriormente, este projeto foi pensado tendo em conta o grupo de alunos que se possuía e tendo em conta as suas características específicas.

Todas as atividades desenvolvidas neste âmbito foram planeadas, realizadas e avaliadas, procurando articular as diretrizes propostas pelo Ministério da Educação para alunos de português língua não materna, assim como as orientações do *QECR*.

### **5.1 Níveis de competência do aluno antes do projeto**

Antes da realização deste projeto, o aluno XP apresentava-se como um aluno muito tímido, pouco participativo e raramente interagia com os restantes colegas de turma. Revelou muitas dificuldades perante atividades de oralidade e apresentou muita resistência, principalmente na expressão oral. O vocabulário que utilizava era bastante reduzido e muitas vezes não sabia o significado de muitas palavras. É de referir que apesar de estar em Portugal há dois anos, o facto de regressar a casa e falar a sua língua materna, também dificultava a aquisição da língua portuguesa.

Assim, tendo em conta as suas dificuldades mais localizadas passar-se-á a uma apresentação mais pormenorizada das mesmas.

No que respeita à competência da compreensão oral, o aluno revelou que compreendia quando falavam devagar com ele e de forma mais pausada. Quando conversavam com ele, mostrava que entendia o que lhe diziam, mas, por vezes, era necessário repetir alguma palavra ou expressão mais difícil ou explicar melhor por outras palavras. Mostrou também ser capaz de retirar alguma informação básica, aquando da audição de excertos radiofónicos. No entanto, era necessário passar esse excerto pelo menos três vezes para que conseguisse a informação essencial.

Relativamente à competência de produção oral, esta era a competência onde apresentava mais dificuldades, uma vez que se recusava a fazê-lo. Não queria expor-se, receando os comentários e reações dos seus colegas. Não queria ser mais uma vez

alvo de troça. Não conseguia dizer uma frase demasiado longa, limitava-se quase sempre a falar em monossílabos. Quando questionado sobre algum texto ou algum exercício, lia excertos dos textos. Era muito difícil levá-lo a falar mais do que isso. O facto de quase não se expressar limitou a sua pronúncia, pois quase não praticava a língua. Assim, XP tinha algumas dificuldades na distinção de vários sons da língua portuguesa, nomeadamente os sons [r] e [R]. Era muito frequente acontecer, por exemplo pronunciar [caro] em vez de [carro]. Por vezes omitia algumas letras, ora trocando o seu lugar na palavra, ora por acréscimo de fonemas. Por exemplo na palavra idiota, dizia [indiota] e satisfação dizia [sastifação]. Um outro aspeto da pronúncia no qual demonstrava imensas dificuldades era na pronúncia aberta ou fechada de palavras. Apesar de este ser um exercício que fazia regularmente em sala de aula, o aluno não conseguia distinguir em muitas palavras a pronúncia correta. E uma vez que pronunciava de forma incorreta, escrevia igualmente de forma incorreta.

No que respeita à interação oral, não era capaz de manter uma conversa com naturalidade, pois estava sempre receoso do que ia dizer. Também não era capaz de trocar informações de forma pormenorizada com ninguém, pois na maior parte das vezes ficava calado, observando apenas, não tinha iniciativa para participar nas conversas da aula. Não emitia opiniões sobre nenhum assunto. Não queria participar em nenhum jogo de interação, com receio do que os outros iam dizer e pensar. Quase não se dava por este aluno na sala de aula. Criou uma barreira entre ele e os colegas.

Nas competências de oralidade era muito difícil ajudar o aluno a desbloquear o seu discurso, pois este ganhou uma resistência à língua, não queria participar em nenhuma atividade de sala de aula. O que acontecia muitas vezes era o recurso à sua língua materna, quando pressionado para responder a alguma questão. Esta situação aumentava ainda mais a sua distância com a língua portuguesa.

Quanto à competência de leitura, XP demonstrou compreender o essencial da informação em textos pequenos e do dia a dia. No entanto, sentia muitas dificuldades em selecionar as informações mais importantes do texto. Esta faculdade não tinha ainda desenvolvido. Se os textos fossem demasiado longos e com vocabulário específico as dificuldades aumentavam. Ele mostrava compreender o geral de um

texto, carta, folheto, narrativa, desde que estes tivessem vocabulário simples e não fossem muito extensos.

Relativamente à competência da escrita, o aluno demonstrou conseguir produzir pequenos textos de linguagem simples e com estruturas simples também. O vocabulário utilizado era pouco variado. No entanto, tinha muita força de vontade e utilizava regularmente o dicionário para elaborar os seus textos, para que estes se tornassem cada vez melhores e mais consistentes. Contudo, revelava muitas dificuldades na passagem do discurso oral que construía na sua cabeça e depois na passagem para o registo escrito. E como tinha muitas dificuldades no oral que pouco praticava, isso refletia-se na escrita. Não sabia também como acentuar as palavras. Neste domínio tinha uma enorme dificuldade, colocava acentos onde não era necessário e vice-versa. Quanto à pontuação era quase inexistente e também a incorreção no uso de maiúsculas e minúsculas. Tinha o hábito de escrever os nomes próprios com letra minúscula. Foi difícil levá-lo a escrever de outro modo. E iniciava muitas vezes as frases com minúscula, fazendo uma letra muito grande, para ficar do tamanho de uma maiúscula.

Um outro aspeto importante a referir era a dificuldade em atribuir o género adequado às palavras como por exemplo na expressão [minha parente]. Este tipo de ocorrência era muito frequente. Ele não compreendia porque era desta forma e tornava-se complicado fazê-lo perceber. Também era muito comum cometer erros de concordância nominal e verbal e no singular e no plural. Por exemplo na frase [Os menino estão satisfeito]. Este tipo de concordância também era frequente. Tinha muitas dificuldades em distinguir o género e o número das palavras e pensava que esta era a forma correta, porque na sua língua materna lhe fazia sentido.

A colocação inadequada de preposições no discurso era outro aspeto onde havia alguns percalços como se pode ver no seguinte exemplo: [Eu vou contar para minha amiga]. A colocação incorreta dos pronomes na frase também era um aspeto relevante e onde manifestava dificuldades, como por exemplo: [Eu vou lhes pedir para ajudarem a Sara].

No que respeita à organização escrita dos discursos, este aluno tinha muitas dificuldades em selecionar informação relevante dos textos e, assim, isso manifestava-

se na elaboração de resumos. Na maioria das vezes retirava informações dispensáveis e repetia as mesmas palavras várias vezes. Também não sabia utilizar corretamente os articuladores de discurso, pois muitas frases que escrevia não tinham muito sentido e as ideias ficavam incompreensíveis. É também de referir que isso se devia ao facto de não escrever frases longas e quando tentava fazê-lo, não conseguia articular as ideias de forma correta. O facto de quase não fazer pontuação também dificultava a compreensão do discurso. O aluno tinha consciência das suas falhas e isso tornava-o ainda mais temeroso. Ele queria aprender e realizava as tarefas propostas, mas fazia-o com medo e quando tinha de fazê-lo oralmente, para toda a turma, bloqueava e algumas vezes dizia que não sabia. Julga-se que o facto de o aluno não conhecer muito bem os colegas desta turma, que é diferente daquela em que estava inserido, também o deixava pouco confortável, pois julgava que lhe fariam o mesmo que na sua turma.

No entanto, no que respeita à multiculturalidade, toda a turma sempre demonstrou respeito por ele. O que se verificou foi que, não só o XP se sentia tímido, como também os restantes colegas. Todos se encontravam em igualdade de circunstâncias, todos estudavam português como língua não materna, todos estavam em Portugal e eram oriundos de outros países e foi isso que XP compreendeu mais tarde.

## **5.2 Resultados obtidos após o projeto**

Após a realização do projeto de comunicação oral, o aluno alcançou bons resultados e algumas melhorias, principalmente na organização do seu trabalho, na cooperação e entreaajuda com os colegas, na escrita e na compreensão de textos e, sobretudo, numa evolução significativa no âmbito da expressão oral.

XP tornou-se mais confiante e mais descontraído na sua relação com os outros. Perdeu um pouco a vergonha e conseguiu interagir, principalmente com o seu colega de grupo. Aquando da sua apresentação oral, apesar de se sentir nervoso e receoso, conseguiu expor o seu trabalho e tirar as dúvidas dos seus colegas. É de referir que a apresentação do seu grupo não foi a primeira, de forma a tentar colocá-lo mais à vontade, para se sentir mais seguro. Esta estratégia funcionou perfeitamente, pois



pensamos que ao observar os seus colegas, ao partilhar as suas dúvidas e receios, tomou consciência de que os outros também tinham os seus medos, que era normal. Isso ajudou-o a superar o seu receio de falhar e de ser alvo de troça. Cada um tem as suas características próprias e é necessário respeitar cada um na sua individualidade. Julgamos também que o facto de trabalhar a pares ajudou-o a ultrapassar essa inibição que tinha. Sentir o apoio do colega tornou-o mais confiante para fazer a sua apresentação, pois não estava com receio de dizer algo errado e que os outros se rissem. Ao apresentar um tema que ele conhecia bem e sobre o qual tinha ouvido tanto falar e comentar por toda a escola, nos intervalos, também foi desencadeador da expressão e interação orais. É de salientar a importância do uso de imagens como desencadeadoras do discurso, pois através delas, tanto ele como os restantes alunos conseguiram transmitir as suas ideias e também de compreender os aspetos mais difíceis de explicar relativos ao seu tema. Como defende Calado (1994:13) “a imagem é expressiva e apelativa. Prende o olhar, desperta o prazer, desencadeia a evocação. A imagem é auxiliadora da comunicação pedagógica”.

As imagens selecionadas pelos alunos, com a ajuda da professora, foram realmente importantes e alvos de comentários. Elas chocaram, emocionaram e fizeram os alunos pensar naqueles temas de forma mais realista. Eles sentiram necessidade de as comentar e de opinar sobre o que viam.

Desta forma, o aluno melhorou a sua confiança, falou com mais naturalidade, porque era um assunto que compreendia e confrontá-lo assim com a sua visualização foi muito interessante. Naquele momento, a interação aconteceu de forma espontânea e julgamos que até se esqueceu que estava na sala de aula e a utilizar a língua portuguesa. Foi uma grande conquista para o XP, pois nunca tinha conseguido falar tão espontaneamente com os seus colegas. Naquele momento disse o que pensava sem estar a preparar um discurso para não dizer nada de errado. É claro que o seu discurso não foi perfeito, mas só o facto de se exprimir com naturalidade, o tentar fazê-lo foi fantástico. Para qualquer professor estes pequenos momentos fazem valer a pena todo o esforço e dedicação a estes alunos e ao seu trabalho.

Notou-se realmente uma evolução neste domínio, pois no final da aula confessou-nos que se sentia muito feliz consigo mesmo. Ele foi capaz de manter uma

conversa simples, mas entusiasmada, partilhou os seus pontos de vista sobre os diversos temas. No final colocou as questões aos colegas, ao contrário do que costumava acontecer em aula.

Consideramos que o facto de se falar sobre algo que se conhece é bastante importante para um aluno de língua estrangeira e foi o que aconteceu neste caso. Como o aluno já tinha analisado o seu texto, tinha vocabulário que podia utilizar, sentiu-se mais confiante para interagir. Julgamos também que a organização do trabalho também foi fundamental para guiar o aluno nas diversas etapas que devia seguir e, assim, orientá-lo aquando da apresentação do trabalho.

No domínio da leitura e da compreensão escrita, XP foi capaz de compreender o texto que tinha de analisar e resumir. Ele sublinhou as palavras que desconhecia, registou-as e procurou os seus significados. Após este trabalho foi capaz de compreender o texto e a pares selecionaram a informação mais importante. É de referir que todo este processo foi auxiliado pela professora, que foi corrigindo e dando sugestões para a melhoria do trabalho. Todos os alunos consultaram também bancos de imagens com vocabulário relacionado com o tema, de forma a alargar o leque de vocabulário.

No âmbito do processo de produção escrita, XP, em conjunto com o seu colega, fez o aperfeiçoamento do texto, na medida em que sempre que a professora passava pelo grupo para ver como estava a correr o trabalho ia dando indicações sobre ortografia, concordâncias de género e número, concordância verbal, falta de pontuação, etc. Assim, ele tentava identificar onde estava o erro e corrigia-o. Da próxima vez que a professora passasse confirmaria a correção feita. Este processo foi muito interessante e muito positivo, pois, assim, conseguiu detetar as incorreções na maior parte das vezes e algumas dificuldades mais prementes que ele tinha foram colmatadas de alguma forma. Conseguiu também aplicar os conetores de discurso de forma correta.

### 5.3 Conclusões

Após a aplicação do projeto de comunicação oral, concluímos que este foi muito importante para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa. O aluno, que no início apresentava uma grande resistência à língua a nível da compreensão e expressão orais, apresentou melhorias significativas neste sentido. Foi capaz de apresentar um tema e de falar sobre ele de forma natural e desbloqueada. Julgamos que a planificação e organização do projeto foram fundamentais para este resultado, pois existiu um trabalho de entreajuda e cooperação entre a professora e os alunos e entre os alunos no trabalho de pares que o levou a sentir-se mais confiante de que era capaz de fazer o trabalho.

Estas melhorias acentuaram-se mais na componente da oralidade, que era o foco principal deste projeto, mas não deixaram de agir sobre as outras competências. Ele foi capaz de selecionar informação dos textos, de compreender a informação que eles continham, produzir um texto para a sua apresentação oral e também de superar algumas lacunas na sua competência linguística. O aluno melhorou também na sua relação com os colegas, conheceu-os e deu-se a conhecer melhor ao trabalhar em grupo e foi capaz de interagir de forma espontânea com os outros, o que não era algo que acontecesse na aula.

A auto e heteroavaliação também foram importantes no processo de ensino-aprendizagem, pois através dela o aluno expôs a sua opinião sobre si e sobre os colegas e tomou consciência do trabalho que realizou, o que foi menos positivo e aquilo que ainda podia melhorar. Foi uma forma de se tornar mais crítico sobre o seu próprio percurso escolar e também de ser mais autónomo nas suas aprendizagens.

XP evoluiu bastante no seu percurso de ensino-aprendizagem, sobretudo nas suas competências orais, pois deu um grande passo para desbloquear o seu discurso e perder o receio de falar sem pensar nos comentários negativos que os seus colegas poderiam fazer.

## CONCLUSÃO GERAL

Na segunda metade do século XX, Portugal acolheu vários emigrantes, provenientes de vários países, em busca de melhores condições de vida. Estes movimentos migratórios alteraram significativamente a constituição das populações escolares nas nossas escolas. Com a abertura das fronteiras, verificou-se um aumento da imigração, principalmente da população proveniente dos países de leste. Passámos a encontrar nas nossas escolas uma maior heterogeneidade, com a presença de várias culturas, nacionalidades e, conseqüentemente, várias línguas.

Desta forma, a escola adquiriu um papel muito importante na integração destes alunos, pois é sobretudo nas escolas que eles passam a maior parte do tempo e é onde eles interagem com os colegas, professores, funcionários, etc. A língua é o veículo de comunicação fundamental para essa interação. É através da língua que comunicamos uns com os outros. Um aluno estrangeiro que vai viver para um outro país, onde não domina a língua, não consegue integrar-se na sociedade. Assim, aprender a língua do país para onde se vai é crucial. A escola deve proporcionar a estes alunos as melhores condições de ensino-aprendizagem possíveis para que eles dominem a língua de imersão e possam ter igualdade de acesso à educação como os alunos de língua materna portuguesa.

Para estes alunos não é fácil a sua integração, pois existe todo um conjunto de fatores que dificultam a mesma, tais como: nova língua, nova cultura, novos hábitos, novas formas de viver e de estar na vida, que são diferentes daqueles a que o aluno está habituado. Se não conseguirem ultrapassar estas dificuldades, os alunos estarão condenados ao insucesso escolar. Por isso, consideramos que é essencial criar estratégias de ensino-aprendizagem que fomentem a sua integração na escola e na sociedade. É igualmente importante valorizar a diversidade linguística, para que os alunos não se sintam desvalorizados e com a ideia de que devem deixar para trás as suas raízes, a sua identidade.

*A diversidade linguística e cultural constitui uma fonte comum que convém proteger e desenvolver, sendo necessário esforços consideráveis no domínio da*

*educação, de modo a que essa diversidade, em vez de ser um obstáculo à comunicação, se torne numa fonte de enriquecimento e de compreensão recíprocos* (Conselho da Europa, 2001:20)

Consideramos muito importante respeitar cada aluno na sua individualidade, apelando assim aos professores que estimulem este espírito de união e de respeito entre os alunos, para que saibam acolher todos os colegas, independentemente das suas diferenças culturais, raciais, entre outras.

Foi neste sentido que pensámos neste projeto de Comunicação Oral nas aulas de PLNM e criámos um conjunto de estratégias de ensino-aprendizagem que estimulassem os alunos para a comunicação em língua portuguesa.

Com este projeto pretendemos desenvolver, sobretudo, as competências da oralidade, uma vez que, como referimos anteriormente, estas eram as que levantavam mais dificuldades nesta turma, principalmente, ao aluno XP, objeto de estudo do nosso trabalho. No entanto, não foram só as competências de oralidade que trabalhamos neste projeto, foram também trabalhadas as competências de leitura, escrita e de gramática. Foi nossa intenção trabalhar também a capacidade de relacionamento interpessoal e também fomentar uma relação de cooperação e de ajuda entre os alunos. Julgámos que seria muito importante fomentar esta vertente, pois é fundamental os alunos sentirem-se bem, integrados e aceites numa turma, para conseguirem um desenvolvimento pleno de todas as suas competências e também porque o aluno XP apresentava graves lacunas neste sentido.

Após a implementação deste trabalho concluímos que este poderá ser um instrumento de trabalho útil nas aulas de português língua não materna. Este trabalho procura mostrar como um projeto organizado e pensado, pode ser bastante importante na aprendizagem de uma língua. Procurámos demonstrar que é possível desenvolver metodologias que promovam o sucesso educativo dos alunos, através de trabalhos em pares que desencadeiam a cooperação e o respeito entre eles e também desenvolvendo competências em português língua não materna. Julgamos que é importante criar dinâmicas de trabalho dentro de sala de aula que vão ao encontro das especificidades dos alunos que se possui, e não apenas utilizar-se o manual como principal instrumento de trabalho. É necessário criar novas atividades, pois apesar de

alguns manuais conterem algumas atividades interessantes, nem todas servem aos alunos que se tem. Não basta limitar-se ao que se tem de forma facilitada, é necessário ir ao encontro dos alunos e construir novos instrumentos de trabalho.

Após a implementação deste projeto, criámos e aplicámos outras atividades em sala de aula que passaremos a enunciar e que poderão ser propostas possíveis a aplicar em aulas de PLNM.

- Rotina de Comunicação. Esta atividade consistiu na apresentação oral de um pequeno tema durante cinco minutos no início de cada aula. Assim, todas as aulas, um aluno falou de algo, como por exemplo, um texto que tinha lido e que tinha gostado, um filme a que tinha assistido, dos seus passatempos, de uma música que tinha ouvido, etc. O objetivo foi criar uma rotina de comunicação em que o aluno se exprimisse durante os primeiros minutos da aula. Depois os colegas colocaram algumas perguntas a que ele respondeu.

- Trabalho de leitura e análise de contos de países diferentes. Os alunos analisaram os contos e falámos das características de cada um deles.

- Audição de músicas em várias línguas. Cada aluno trouxe uma música escolhida a seu gosto na sua língua materna e depois explicaram do que falava, porque a tinham escolhido e o que significava para eles.

- Apresentação do país de origem de cada aluno. Os alunos fizeram uma pesquisa sobre o seu país, selecionaram algumas imagens e colaram em cartolina para mostrar aos colegas.

- Trabalho sobre imigração. Neste trabalho, os alunos falaram das suas experiências pessoais e da forma como estavam a vivenciar essa situação.

- Trabalho *À descoberta de Portugal*. Os alunos em pequenos grupos pesquisaram aspetos específicos deste país e no fim falámos sobre estes na aula.

- Dia das Línguas. Nesse dia, combinámos com os alunos que cada um deles traria um doce típico do seu país e falaria dele à turma.

- Exposição na Biblioteca da escola. Os alunos fizeram uma pequena biografia sobre um escritor do seu país e esta foi exposta na biblioteca.

Estas foram algumas propostas de trabalho que aplicámos nas aulas de PLNM e que se revelaram muito motivadoras e desencadeadoras do discurso e da melhoria de resultados no estudo da língua portuguesa. Acreditamos que com dedicação e esforço seja possível motivar e integrar estes alunos nas nossas escolas e levá-los a aprender a língua portuguesa e a tornarem-se falantes competentes.

Através delas, foi possível detetar as dificuldades sentidas pelos alunos e ajudá-los a superá-las. Em todas estas atividades procedemos à auto e heteroavaliação das mesmas, pois consideramos fundamental que os alunos consigam compreender onde têm mais dificuldades e aquilo que já conseguiram apreender e melhorar. Ao longo de todo o ano, os alunos utilizaram sempre o *Portfólio europeu de Línguas*, onde registaram a evolução do seu percurso escolar. Este instrumento foi muito importante para os alunos terem consciência do seu percurso desde o início do ano até ao final. Consideramos que todos os professores deviam fazer uso deste instrumento, é muito útil e benéfico não só para os alunos, mas também para os professores.

A aprendizagem em pares também se revelou muito positiva, pois não só trouxe novas aprendizagens como fomentou uma relação de união e de apoio mútuo.

Com este trabalho esperamos motivar outros professores a desenvolverem trabalhos neste domínio. Pensamos que este tipo de trabalho motiva os alunos, consegue desinibi-los e levá-los a utilizar a língua de forma espontânea. Com este projeto os alunos criaram um espírito crítico e autónomo, uma vez que as atividades visavam a interação e a troca de ideias e opiniões.

## BIBLIOGRAFIA

- Achard, M. e Niemeier, S. (2004). *Cognitive Linguistics, second language acquisition, and foreign language teaching*. Berlim: Walter de Gruyter.
- Aitchinson, J. (1994). *Words in the mind. An introduction to the mental Lexicon*. Oxford: Blackwell.
- Alarcão, I., Andrade, A.I., e Araújo e Sá (1991). A Didáctica Curricular: Fantasma, Sonhos, Realidades. In I. Pinheiro, A. Andrade, A. Moreira, M.H. Sá, N. Costa e A. Paredes (eds.). *Actas do 2º Encontro de Didácticas e Metodologias de Ensino*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Albuquerque, F. (2006). Em busca do sentido perdido: Para uma didáctica possível da oralidade. In F. Azevedo. *Língua Materna e Literatura Infantil – Elementos Nucleares para professores do Ensino Básico*. Lisboa: LIDEL edições técnicas, Lda.
- Alcântara, J.A. (2000). *Como educar a Auto-estima*. Lisboa: Plátano edições técnicas.
- Allemann-Ghionda, C. (2008). *L'Éducation Interculturelle dans les Écoles*. Bruxelas: Parlamento Europeu.
- Amor, E. (2004). *Didáctica do Português: fundamentos e metodologia*. Lisboa: Texto Editora.
- Andrade, A. I. O. (1992) *Didáctica da Língua Estrangeira*. Porto: Edições Asa.
- Antão, J. A. S. (2001). *Comunicação na sala de aula*. Porto: Edições Asa.
- Azevedo, F. (2006). *Língua Materna e Literatura Infantil – Elementos Nucleares para professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel edições técnicas, Lda.
- Barros, J. (1992). *Professores e Alunos Pigmaleões*. Coimbra: Almedina.
- Benoit, C. (2002). *Motiver par l'enthousiasme*. Paris: Ed.Organization.
- Bialystok, E. (1990). *Communication Strategies*. Blackwell: Oxford.



- Bizarro, R. (2008). O ensino-aprendizagem de uma Língua Estrangeira: dos objectos aos objectivos. In R. Bizarro (org.). *Ensinar e Aprender Línguas e Culturas Estrangeiras hoje. Que perspectivas?*. Porto: Areal Editores.
- Bolívar, A. (2007). Um olhar atual sobre a mudança educativa: onde situar os esforços de melhoria?. In Carlinda Leite e Amélia Lopes (org.). *Escola, currículo e formação de identidades*. Porto: Porto Editora.
- Calado, I. (1994). *A utilização educativa das imagens – colecção mundo de saberes*. Porto: Porto Editora.
- Cardoso, C.M. (1996). *Educação Multicultural – percursos para práticas reflexivas*. Lisboa: Texto Editora.
- Carvalho, F. A. (2006). *O lugar dos negros na imagem de Lisboa, Sociologia, Problemas e Práticas*. In Maria José Grosso (org.), *Português Língua Não materna: Investigação e Ensino*. (pp. 52, 87-108). Lisboa: LIDEL edições técnicas, Lda.
- Castro, L. M. B. e Ricardo, M. M. C. (1994). *Gerir o Trabalho de Projeto*. Lisboa: Texto Editora.
- Conselho da Europa (2001). *Portefólio Europeu de Línguas – Ensino Secundário*. Ministério da Educação: Edições Asa.
- Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*. Ministério da Educação/Gaeri: Edições Asa.
- Conselho da Europa (2009). *Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural – Viver juntos em igual dignidade*. Estrasburgo: Conselho da Europa (versão em português).
- Conselho da União Europeia (2009). *Conclusões do Conselho de 26 de novembro de 2009 sobre o desenvolvimento profissional dos professores e dirigentes escolares*. *Jornal Oficial da União Europeia*.
- Cook, V. (2008). *Second Language Learning & Language Teaching*. The Website: Hodder Education.

- Dabène, L. (1994). *Repères sociolinguistiques pour l'enseignement des langues*. Paris: Hachette.
- Day, C. (2005). *Formar Docentes. Cómo, cuándo y en qué condiciones aprende el profesorado*. Madrid: Narcea.
- DGIDC (2001). *Português Língua Não Materna no Currículo Nacional Orientações nacionais: Perfis linguísticos da população escolar que frequenta as escolas portuguesas*. Lisboa: Ministério da Educação.
- DGIDC (2005). *Documento Orientador sobre o Português Língua Não Materna no Currículo Nacional – Programa para a Integração dos Alunos que não têm o Português como Língua Materna*. Lisboa: ME/ DGIDC.
- DGIDC (2007). *Português Língua Não Materna no Currículo Nacional – Programa de integração*. Lisboa: Ministério da Educação.
- DGIDC (2008). *Orientações Programáticas de Português Língua Não Materna (PLNM) – Ensino Secundário*. Lisboa: ME/DGIDC.
- Drew, W., Olds, A. R. e Olds, F. H. (1997). *Como motivar os seus alunos – Aula Prática*. Lisboa: Plátano Edições.
- Duarte, J. (2011). *Bilingual language proficiency. A comparative study*. Munster: Waxmann.
- Ellis, R. (1994). *The study of second language acquisition*. Oxford: University Press.
- Estanqueiro, A. (2009). *Saber Lidar com as Pessoas*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estanqueiro A. (2012). *Boas Práticas na Educação – O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estrela, M.T. (2002). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, V. (1998). *Espaço do Invisível 5*. Lisboa: Bertrand.

- Frias, M. J. (1992) *Língua Materna-Língua Estrangeira – Uma relação Multidimensional*. Porto: Porto Editora.
- Garanderie, A. de la (1989). *Pedagogia dos Processos de Aprendizagem*. Porto: Edições ASA.
- Gee, J. P. (2007). *Situated language and learning: A critique of traditional schooling*. Nova Iorque: Routledge.
- Geibler, R. (2005). Die Metamorphose der Arbeitertochter zum Migrantensohn. In P.A. Berger, e H. Kahlert (eds). *Institutionalisierte Ungleichheiten. Wie das Bildungswesen Chancen blockiert*. Weinheim e Munique: Juventa.
- Gomez, M. T., Mira, V., e Serrato, M. G. (1993). *Como criar uma boa relação pedagógica*. Porto: Edições ASA.
- Grislan, G. (1994). *Didáctica e Comunicação*. Porto: Horizontes da Didáctica.
- Grosso, M. J. (2013). *Português Língua Não Materna: Investigação e Ensino*. Lisboa: Lidel edições técnicas, Lda.
- Klein, W. (1986). *Second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Klieme, E. (2010). *PISA 2009: Bilanz nach einem Jahrzehnt*. Munster: Waxmann.
- Krashen, S. (1988). *Second Language Acquisition and Second Language Learning*. New York: Prentice Hall.
- Lackman, K. (1993). *Lexical Approach Activities – A Revolutionary way of Teaching*. New York: Educational Consultants.
- Lefèbvre, B. (1998). *La valorisation du personnel enseignant*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Leite, C.M.F. (2002). *O currículo e o multiculturalismo no sistema educativo português*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Lewis, M. (1997). *Implementing the Lexical Approach*. England: Language Teaching Publications.

- Mialaret, G. (1992). *A psicopedagogia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Morgado, J. (1997). *A Relação Pedagógica – Diferenciação e Inclusão*. Lisboa: Editorial Presença.
- Noronha, M. de (1990). *Como compreender as crianças*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Parada, E., Ferreira, J., Alves, J. M., e Nunes, M. R. (1993). Crónicas do quotidiano escolar. In *Cadernos Correio Pedagógico*. Porto: Edições ASA.
- Patrício, M. F. (1993) *A Escola Cultural*. Lisboa: Texto Editora.
- Postic, M. (1990). *A Relação pedagógica*. Lisboa: Editorial Presença.
- Postic, M. (1995). *Para uma estratégia pedagógica do sucesso escolar*. Porto: Porto Editora.
- Praia, M. (1991) *Desenvolvimento Pessoal e Social*. Porto: Edições ASA.
- Rebelo, D. e Diniz, M.A.S. (1998). *Falar contigo*. Lisboa: Caminho da Educação.
- Recasens, M. (1989). *Como estimular a expressão oral na aula*. Lisboa: Plátano Edições.
- Richards, J.C. (1974). *Error analysis. Perspectives on Second Language Acquisition*. New York: Longman.
- Richmond, M., Robinson, C. e Sachs-Israel, M. (2008). *The global literacy cállense. A profile of youth and adult literacy at the mid-point of the United Nations Literacy Decade 2003-2012*. Paris: UNESCO.
- Sá, L. L. Z. R. (2001). *Pedagogia diferenciada - uma forma de aprender a aprender*. Lisboa: Asa Editores.
- Savater, F. (1997). *O Valor de Educar*. Lisboa: Ed. Presença.
- Saúde, A.C. (1991). *Expressão e Educação – Ensino Básico*. Lisboa: Universitária Editora.

Schumann, J.H. (1978). Social and psychological factors in second language acquisition. In J. Richards (ed.). *Understanding Second and foreign Language Learning*. MA: Newbury House.

SEF/Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2010). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo – 2009*. Consultado em 20 de setembro de 2010 em <http://sefstat.sef.pt>

Sprinthall, N. A. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.

Steiner, G. (2005). *As Lições dos Mestres*. Lisboa: Gradiva.

Stoppard, M. (1998). *Os jovens, o amor e o sexo*. Lisboa: Ed. Civilização.

Tavares, A. (2005). *Português XXI*. Lisboa: Lidel edições técnicas, Lda.

Triviño, J. S. (1993). *En torno al diálogo*. Madrid: Ediciones Octaedro.

UNESCO (1990). *Declaração mundial sobre educação para todos*. Consultado em 1 de novembro de 2010 em <http://www.pitangui.uepg.br/nep/documentos/declaracao%20-%20jomtien%20-%20tailandia.pdf>.

UNESCO (2003). *Open File on Inclusive Education*. Paris: UNESCO.

UNESCO (2006). *Guidelines on Intercultural Education*. Paris: UNESCO:

Vieira, H. (2000). *A Comunicação na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Vieira, M. do C. (2010). *O Ensino do Português*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Sites consultados:

<http://estatísticas.gepe.min-edu.pt/vistas.jsp?vm> (21/11/2013)

[www.iefp.pt](http://www.iefp.pt) (24/10/2010)

[www.online24.pt](http://www.online24.pt) (24/10/2010)

# **ANEXOS**

## ANEXO 1



Escola Secundária com 3.º C.E.B. de Pinhal Novo

Prova de Avaliação Diagnóstica de Português Língua Não Materna

Nome: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Avaliação: \_\_\_\_\_

Professor: \_\_\_\_\_

- Esta prova tem três níveis (Iniciação, Intermédio e Avançado).
- Responde na folha da prova, a caneta ou esferográfica, de tinta azul ou preta.
- Não é permitido o uso de corretor. Em caso de engano, deves riscar bem aquilo que pretendes que não seja classificado.
- Não é permitido o uso de dicionário.
- Escreve de forma bem legível as respostas.

Duração da Prova: 90 minutos

## Nível de iniciação (A1 e A2)

### 1. Lê as frases e faz a correspondência correta.

- |   |   |
|---|---|
| a) Como estás?                          | <input type="checkbox"/> Sou estudante.   |
| b) Como te chamas?                      | <input type="checkbox"/> Só um copo de leite frio.                                |
| c) Qual é a tua nacionalidade?          | <input type="checkbox"/> Bem, obrigado.   |
| d) De onde és?                          | <input type="checkbox"/> Sou portuguesa.  |
| e) Quantos anos tens?                   | <input type="checkbox"/> Sou de Lisboa.   |
| f) Que horas são?                       | <input type="checkbox"/> Tenho 23 anos.   |
| g) O que é que tomas ao pequeno-almoço? | <input type="checkbox"/> São dez e meia.  |
| h) Quais são os dias da semana?         | <input type="checkbox"/> Chamo-me Ana.  |
| i) Qual é a tua profissão?              | <input type="checkbox"/> Segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo. |

### 2. Selecciona a frase correta com uma cruz (x).

- |      |                           |                          |
|------|---------------------------|--------------------------|
| 2.1. | a) Sou de Portugal.       | <input type="checkbox"/> |
|      | b) Sou do Portugal.       | <input type="checkbox"/> |
| 2.2. | a) Sou bem, obrigado/a.   | <input type="checkbox"/> |
|      | b) Estou bem, obrigado/a. | <input type="checkbox"/> |
| 2.3. | a) Chelas é em Lisboa.    | <input type="checkbox"/> |
|      | b) Chelas é na Lisboa.    | <input type="checkbox"/> |
| 2.4. | a) A Marta é aluna.       | <input type="checkbox"/> |
|      | b) A Marta és aluna.      | <input type="checkbox"/> |



- b) Os meus amigos franceses estão felizes. ☐

**3.** Lê o texto e assinala com uma cruz (x) a opção verdadeira, de acordo com a informação do texto.

☐ Na próxima sexta-feira, os alunos só ficam na escola até ao meio-dia.

ao meio-dia.

Durante a tarde, os alunos participam em atividades desportivas.

☐ Às sextas-feiras, os alunos só têm aulas de manhã.

4. Após a leitura do texto, faz perguntas para as seguintes respostas.

— Olá. Sou o André. Tenho catorze anos e estou no 9.º ano na Escola Básica 2, 3 Damião de Góis. Gosto muito da minha turma e da disciplina de Ciências Naturais, porque gosto de estudar matérias sobre os animais e o seu *habitat*. É uma disciplina muito interessante. Tenho muitos colegas e alguns são realmente simpáticos. Estudamos juntos e, às vezes, saímos para ir ao cinema, mas só ao fim-de-semana, quando não temos que estudar.

Moro no Areeiro e tenho de apanhar o autocarro para chegar à escola. Demoro cerca de quinze minutos. Muitas vezes aproveito o tempo nos transportes para ler. Almoço geralmente na cantina com os meus colegas e só volto para casa às quatro ou cinco da tarde.

a) \_\_\_\_\_?

O André tem catorze anos.

b) \_\_\_\_\_?

Está no 9º ano.

c) \_\_\_\_\_?

Estuda na Escola Básica 2, 3 Damião de Góis.

d) \_\_\_\_\_?

Não, ele prefere a disciplina de Ciências Naturais.

e) \_\_\_\_\_?

Às vezes estuda com os colegas.

f) \_\_\_\_\_?

Não, mora no Areeiro.

g) \_\_\_\_\_?

Demora cerca de quinze minutos.

**5. Escreve um pequeno texto, descrevendo um dos dias mais divertidos das tuas férias.**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Nível intermédio (B1)

1. Lê o seguinte inquérito sobre a utilização de telemóveis que um jovem fez a uma senhora na rua.

— Bom dia, minha senhora. Andamos a fazer um inquérito sobre o uso dos telemóveis. Importa-se de nos responder a algumas perguntas?

— Não, não me importo.

— Acha que os telemóveis são úteis?

— Sim, acho que sim.

— Acha que os telemóveis têm uma maior utilidade ao nível profissional ou ao nível privado?

— Acho que são importantes em ambos.

— A senhora tem telemóvel?

— Tenho.

— Quando quer comunicar com os seus familiares e com os amigos costuma utilizar mais o telemóvel ou o telefone normal?

— Acho que utilizo mais o telemóvel.

— Humm... Não, não muito.

— Já estive em alguma situação em que o telemóvel foi imprescindível?

— Por acaso já estive. Há dois ou três meses tive um problema com o meu carro na autoestrada para o Porto. Telefonei para o serviço de assistência em viagem da minha seguradora e rapidamente tive ajuda.

— Uma última pergunta. Acha que é mais caro telefonar do telemóvel?

— Pelo contrário. Acho que o telefone normal fica mais caro que o telemóvel.

— Muito obrigado pelo seu tempo e um bom dia para a senhora.

— Bom dia.

**1.1. Responde às seguintes perguntas.**

**a)** Quem são as pessoas que participam neste inquérito?

---

---

---

**b)** Em que circunstâncias é que a pessoa entrevistada utiliza mais o telemóvel?

---

---

---

---

**c)** A pessoa entrevistada considera o telemóvel mais económico do que o telefone normal. Concordas com esta opinião?

---

---

---

---

---

**2. Completa cada uma das frases de acordo com o exemplo mais adequado.**

Exemplo: Ela deu o presente à mãe.

Ela deu-o à mãe.

Exemplo: Ela deu o presente à mãe.

Ela deu-lhe o presente.

**a)** Usa o telemóvel!

Usa \_\_\_\_\_!

b) Leiam o texto.

Leiam \_\_\_\_\_.

c) Traz as fotografias.

Trá \_\_\_\_\_.

d) Eu ofereci um telemóvel à minha amiga.

Eu ofereci \_\_\_\_\_ à minha amiga.

e) Eles deram um livro ao Paulo.

Eles deram \_\_\_\_\_ um livro.

### 3. Completa o texto com as formas verbais adequadas.

Sabe-se que para nós \_\_\_\_\_ (aprender) bem uma língua estrangeira, o melhor é aprendê-la onde ela se fala.

O André é espanhol e, no Verão passado, \_\_\_\_\_ (começar) a estudar português. \_\_\_\_\_ (vir) para Portugal, \_\_\_\_\_ (ficar) cá um mês e depois \_\_\_\_\_ (regressar) a Espanha. Ele acha que a gramática não é difícil, mas para \_\_\_\_\_ (aprender) a falar uma língua \_\_\_\_\_ (ter de) a praticar. Então o André \_\_\_\_\_ (decidir) voltar a Portugal para fazer mais um curso.

O André também \_\_\_\_\_ (saber) que é importantíssimo ter amigos portugueses para treinar a língua. Então \_\_\_\_\_ (fazer) uma pesquisa na Internet para encontrar alguém português e \_\_\_\_\_ (descobrir) a Maria, com quem \_\_\_\_\_ (trocar) muitas ideias ultimamente. Eles \_\_\_\_\_ (ter) gostos em comum, \_\_\_\_\_ (gostar) dos mesmos desportos, dos mesmos filmes e das mesmas músicas.

### 4. Passa para o discurso indireto.

— Na próxima semana as temperaturas subirão. Os ventos serão mais fracos e o mar estará menos agitado. Durante a noite a temperatura vai baixar alguns graus. — informou o jornalista.

---

---

---

**5. Completa com as preposições adequadas.**

a) Não me posso esquecer \_\_\_\_\_ agradecer o presente que o Pedro me deu.

b) Eles esperam \_\_\_\_\_ nós perto \_\_\_\_\_ cinema.

c) Lembras-te \_\_\_\_\_ Francisco?

d) A Maria está apaixonada \_\_\_\_\_ João.

**6. Escreve uma carta a um amigo(a) e faz-lhe um convite para te visitar. Fala-lhe de algumas razões para visitar Portugal, tais como o clima, as paisagens, as cidades, a música, as pessoas...**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**Nível avançado (B2)**

**1. Lê o texto.**

**CONSUMO DE ÁLCOOL DISPARA**

- *Numa semana quase mil condutores autuados com mais de 0,5g/l no sangue*
- *Velocidade excessiva registou valor mais alto do ano*

Nos últimos anos não há memória de, apenas numa semana, a Brigada de Trânsito ter "apanhado" tanta gente ao volante com taxas de alcoolemia tão elevadas: em sete mil fiscalizados, quase um milhar revelou valores positivos e, desses, 312 tiveram de responder em tribunal por crime de condução em estado de embriaguez. São números impressionantes, principalmente se tivermos em conta o aviso prévio, feito pela Brigada de Trânsito da GNR, de que seria intensificada a fiscalização do álcool durante o mês de Junho.

Os indicadores de 2003 mostram que os portugueses não têm vontade de separar a ingestão de bebidas alcoólicas da condução. Em menos de seis meses, já são mais de dez mil os condutores autuados por taxas de alcoolemia entre 0,5 e 1,19 g/l de sangue.

Mais de três mil tiveram de responder em tribunal por condução em estado de embriaguez (mais de

1,2 g/l), ficando com inscrição no registo criminal. A todos eles foram aplicadas penas acessórias de inibição de condução e elevadas coimas pecuniárias (é assim que diz o Código).

(...) A velocidade excessiva, outra das infracções que irá merecer particular atenção por parte das patrulhas da BT durante Junho, registou também o valor mais alto de 2003, uma situação que já acontecera na primeira semana do mês. Nestes 15 dias foram travados pelos radares quase dez mil "aceleras", servindo como elemento de comparação o facto de na primeira quinzena de Maio terem sido autuados por este motivo pouco menos de cinco condutores. Neste quadro de subida galopante das taxas de alcoolemia e do excesso de velocidade não surpreende que as contra-ordenações graves e muito graves tenham igualmente disparado.

As manobras perigosas

"graves" atingem pela segunda semana consecutiva os valores mais altos do ano, enquanto nas "muito graves" tal sucede pela terceira vez. Não há estatísticas sobre o número de vítimas de acidentes que viajavam sem cinto de segurança, assim a avaliação do grau de civismo colectivo nesta matéria é feita pelas coimas passadas pelas autoridades: esta semana, só à conta da Brigada de Trânsito, foram 710. Também o valor semanal mais elevado de 2003.

**Sinistralidade.** Numa das semanas do ano com menos acidentes, "disparou", porém, a sua gravidade, desde logo pelas seis vítimas mortais contadas pela PSP em áreas urbanas, mas também pelo elevado número de feridos graves (123) e ligeiros (1007). Além dos 19 mortos registados pela GNR nas estradas, a PSP contou acidentes com mortes nos distritos de Aveiro, Coimbra, Faro, Vila Real e Lisboa (dois mortos).

SANCHEZ, Paula – in *Diário de Notícias*, 17-06-2003 (adaptado)

# 1. Selecciona com uma cruz (x) o significado que melhor se adequa à expressão "ter apanhado".

A Brigada de Trânsito autuou poucos condutores. ☐

A Brigada de Trânsito parou, fiscalizou e multou muitos condutores. ☐

A Brigada de Trânsito parou muitos condutores. ☐

# 2. Enumera três causas apontadas como determinantes para a elevada sinistralidade nas estradas.

---



---



---

# 3. Refere as suas consequências.

---



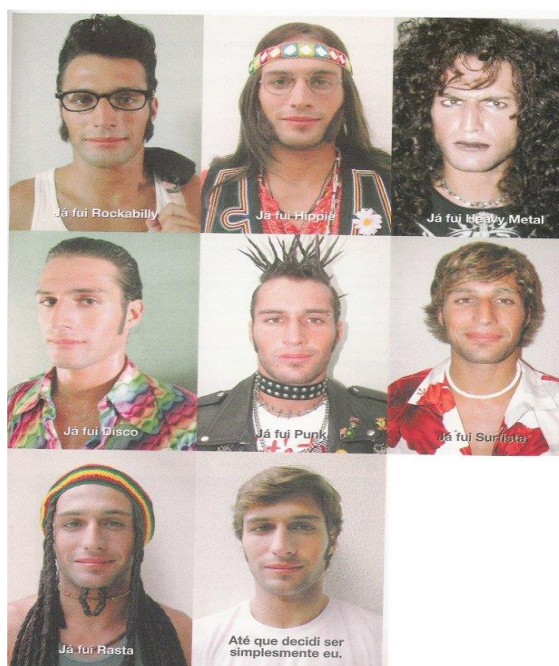
---



---



**4. Observa a imagem.**



TMN – in revista *Única*, 13-09-2003 (adaptado)

**4.1.** Escolhe a imagem com a qual te identificas. Justifica a tua opção, referindo como a tua imagem e o estilo musical podem influenciar a tua forma de viver.

---

---

---

---


---

---

---

---

## ANEXO 2

 <p>Escola Secundária de Pinhal Novo</p>	<p><b>Sequência Didática – Comunicação Oral</b> <b>10ºano – PLNM – Nível B1</b> <b>Ano Letivo 2010/2011</b> <b>Prof. Cátia Lopes</b></p>
---	--

**Atividade:** Trabalho de grupo sobre uma das seguintes temáticas:

- Violência no namoro
- Gravidez na Adolescência
- Bullying

**Duração:** 5 blocos de 90 m

**Competência principal visada:** Expressão Oral

**Outras competências:** Compreensão escrita  
Expressão escrita  
Leitura  
Interação oral  
Compreensão oral

**Conteúdos Linguísticos:** Léxico relacionado com o tema.


Gramática: uso adequado de articuladores de discurso.

### COMPETÊNCIAS

<b>Leitura</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Ser capaz de ler e perceber o sentido geral de artigos e textos informativos.</li><li>- Ser capaz de apreender o significado de palavras ou expressões desconhecidas, partindo do contexto, desde que o assunto em questão seja familiar.</li><li>- Ser capaz de ler rapidamente para identificar informações relevantes tais como: quem fez o quê e onde.</li><li>- Ser capaz de compreender informação relevante em textos sobre temas correntes.</li></ul>
<b>Expressão Escrita</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Ser capaz de escrever textos estruturados, de forma simples, sobre assuntos do seu interesse e de exprimir pontos de vista e opiniões pessoais.</li><li>- Ser capaz de escrever textos simples sobre experiências ou acontecimentos.</li><li>- Ser capaz de transmitir ou de selecionar informação importante num texto simples.</li><li>- Ser capaz de formular questões simples sobre um determinado tema de um texto.</li><li>- Ser capaz de reescrever textos simples, de acordo com correções sugeridas pela professora.</li><li>- Ser capaz de avaliar o seu trabalho e o dos outros.</li></ul>
<b>Expressão Oral</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>- Ser capaz de fornecer, de forma breve, razões e explicações para opiniões.</li><li>- Ser capaz de recontar, de forma simples, pequenos textos, respeitando a ordem das ideias do texto original.</li><li>- Ser capaz de fornecer pormenores de relatos de experiências.</li></ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser capaz de formular questões sobre um determinado tema.</li> <li>- Usar com relativa correção um repertório de “rotinas” e fórmulas frequentes associadas a situações mais previsíveis.</li> <li>- Ser capaz de fazer uma exposição simples, antecipadamente preparada, sobre um assunto que lhe é familiar dentro da sua área, suficientemente clara para ser seguido sem dificuldade, na maior parte do tempo, explicando as questões principais com uma precisão razoável.</li> <li>- Possuir suficiente linguagem, com vocabulário suficiente para se exprimir.</li> </ul>
<b>Interação Oral</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser capaz de desenvolver suficientemente bem uma argumentação para ser seguido sem dificuldade na maior parte do tempo.</li> <li>- Ser capaz de manter razoavelmente bem e com fluência uma descrição direta de um dos seus assuntos de interesse.</li> <li>- Ser capaz de manter uma conversa, embora, por vezes, tenha dificuldade em exprimir-se como gostaria.</li> <li>- Ser capaz de dar e pedir opiniões durante uma discussão formal.</li> <li>- Ser capaz de responder a questões.</li> </ul>
<b>Compreensão Oral</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser capaz de compreender informações de carácter elementar, tais como as informações sobre um texto informativo/expositivo.</li> <li>- Ser capaz de compreender uma sequência falada que incida sobre assuntos correntes e de interesse do aluno.</li> </ul>
<b>Conhecimentos da Língua</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecimento sistematizado dos aspetos básicos da estrutura e do uso do português.</li> </ul>
<b>Outras competências</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Permanecer atento à informação apresentada.</li> <li>- Entender a intenção da tarefa a realizar.</li> <li>- Cooperar eficazmente no trabalho a pares.</li> <li>- Utilizar todos os materiais disponíveis para uma aprendizagem autónoma.</li> <li>- Possuir a capacidade de organizar e utilizar materiais para uma aprendizagem autodirigida.</li> </ul>

### ANEXO 3

 <p>Escola Secundária de Pinhal Novo</p>	<p><b>PLANIFICAÇÃO DO PROJETO DA COMUNICAÇÃO ORAL</b>  <b>Português Língua Não Materna – 10ºAno - Nível B1</b>  <b>Ano letivo 2010/2011</b>  <b>Prof. Cátia Lopes</b></p>
---	---

DESCRITORES DE DESEMPENHO	PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO	RECURSOS	CONTEÚDOS	2º PERÍODO	AVALIAÇÃO	
					TIPOLOGIA	CALENDARIZAÇÃO
<p><b>COMPREENSÃO ORAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de compreender informações de carácter elementar</li> </ul> <p><b>LEITURA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de ler e perceber o sentido geral de artigos e textos informativos.</li> <li>• Ser capaz de apreender o significado de palavras ou expressões desconhecidas, partindo do contexto, desde que o assunto em questão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação do projeto sobre as várias temáticas.</li> <li>• Distribuição dos temas pelos grupos e do dossiê de trabalho.</li> <li>• Explicitação das tarefas a realizar, dos guiões de trabalho e da avaliação.</li> <li>• Leitura dos textos, procura de significados no dicionário e criação de uma lista de palavras e /ou expressões.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ficha de temas e grupos</li> <li>• Dossiê de trabalho (guiões e plano individual de projeto)</li> <li>• Dicionários</li> <li>• Textos temáticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sequências textuais</li> <li>• Sequências expositivas</li> <li>• Textos informativos</li> <li>• Experiências pessoais : memórias, planos, projetos...</li> <li>• Vocabulário novo</li> </ul>	<p>89ª e 90ª</p> <p>Aulas</p> <p>90 m</p>	<p>Formativa</p>	<p>1 de Fevereiro</p>

seja familiar.  <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de ler rapidamente para identificar informações relevantes tais como: quem fez o quê e onde.</li> <li>• Ser capaz de compreender informação relevante em textos sobre temas correntes.</li> </ul> <b>LÍNGUA</b>  <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento sistematizado dos aspetos básicos da estrutura e do uso do português.</li> </ul>						
<b>ESCRITA</b>  <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de transmitir ou de seleccionar informação importante num texto simples.</li> <li>• Ser capaz de escrever textos simples sobre experiências ou acontecimentos.</li> </ul> <b>LEITURA</b>  <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de ler e perceber o sentido geral de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seleção de informação relativa aos temas de cada grupo.</li> <li>• Elaboração do resumo do texto</li> <li>• Correção dos resumos com a professora.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dossiê de trabalho (guiões e plano individual de projeto)</li> <li>• Dicionários</li> <li>• Textos temáticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sequências textuais</li> <li>• Sequências expositivas</li> <li>• Textos informativos</li> <li>• Síntese ; resumo</li> <li>• Experiências pessoais : memórias, planos,</li> </ul>	91ª e 92ª  Aulas  90 m	Formativa	3 de Fevereiro

<p>artigos e textos informativos.</p> <p><b>COMPREENSÃO ORAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de compreender informações de carácter elementar</li> </ul> <p><b>LÍNGUA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento sistematizado dos aspetos básicos da estrutura e do uso do português.</li> </ul>			<p>projetos...</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vocabulário novo</li> </ul>			
<p><b>ESCRITA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de reescrever textos simples, de acordo com correções sugeridas pela professora.</li> <li>• Ser capaz de formular questões simples sobre um determinado tema de um texto.</li> </ul> <p><b>COMPREENSÃO ORAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de compreender informações de carácter elementar.</li> </ul> <p><b>LÍNGUA</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reescrita dos resumos.</li> <li>• Elaboração das questões a colocar à turma.</li> <li>• Apresentação dos parâmetros a seguir na elaboração de uma apresentação oral.</li> <li>• Apresentação e realização de exercícios simples sobre articuladores do discurso.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dossiê de trabalho (guiões e plano individual de projeto)</li> <li>• Textos temáticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Articuladores do discurso</li> <li>• Vocabulário novo</li> <li>Caraterísticas da fala espontânea e da fala preparada</li> </ul>	<p>93ª e 94ª</p> <p>Aulas</p> <p>90 m</p>	<p>Formativa</p>	<p>4 de Fevereiro</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento sistematizado dos aspetos básicos da estrutura e do uso do português.</li> </ul>						
<p><b>ESCRITA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de escrever textos estruturados de forma simples sobre assuntos do seu interesse e de exprimir pontos de vista e opiniões pessoais.</li> <li>• Ser capaz de escrever textos simples sobre experiências ou acontecimentos.</li> <li>• Ser capaz de transmitir ou de seleccionar informação importante num texto simples.</li> <li>• Ser capaz de formular questões simples sobre um determinado tema de um texto.</li> <li>• Ser capaz de reescrever textos simples, de acordo com correções sugeridas pela professora.</li> </ul> <p><b>COMPREENSÃO ORAL</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Preparação da apresentação oral.</li> <li>• Preenchimento do guião de apoio à apresentação oral.</li> <li>• Correção das preparações orais com a professora.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dossiê de trabalho (guiões e plano individual de projeto)</li> <li>• Textos temáticos</li> <li>• Guião de apoio à apresentação oral</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características da fala espontânea e da fala preparada</li> <li>• Nível prosódico</li> <li>• Características acústicas</li> <li>• Entoação</li> <li>• Comunicação e interação discursivas</li> <li>• Competência discursiva</li> </ul>	<p>95ª e 96ª</p> <p>Aulas</p> <p>90 m</p>	<p>Formativa</p>	<p>8 de Fevereiro</p>


<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de compreender informações de carácter elementar.</li> </ul> <p><b>EXPRESSÃO ORAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de fornecer, de forma breve, razões e explicações para opiniões.</li> </ul> <p><b>LÍNGUA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento sistematizado dos aspetos básicos da estrutura e do uso do português.</li> </ul>						
<p><b>COMPREENSÃO ORAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de compreender informações de carácter elementar, tais como as informações sobre um texto informativo/expositivo.</li> <li>• Ser capaz de compreender uma sequência falada que incida sobre assuntos correntes e de interesse do aluno.</li> </ul> <p><b>INTERACÇÃO ORAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de desenvolver suficientemente bem uma</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação dos trabalhos e interação com a turma.</li> <li>• Auto e heteroavaliação dos trabalhos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dossiê de trabalho (guiões e plano individual de projeto)</li> <li>• Textos temáticos</li> <li>• Guião de apoio à apresentação oral</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Características da fala espontânea e da fala preparada</li> <li>• Nível prosódico</li> <li>• Características acústicas</li> <li>• Entoação</li> <li>• Comunicação e interação discursivas</li> <li>• Competência discursiva</li> </ul>	<p>97ª e 98ª</p> <p>Aulas</p> <p>90m</p>	Sumativa	10 de Fevereiro



<p>argumentação para ser seguido sem dificuldade na maior parte do tempo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de manter razoavelmente bem e com fluência uma descrição direta de um dos seus assuntos de interesse.</li> <li>• Ser capaz de manter uma conversa, embora, por vezes, tenha dificuldade em exprimir-se como gostaria.</li> <li>• Ser capaz de dar e pedir opiniões durante uma discussão formal.</li> <li>• Ser capaz de responder a questões.</li> </ul> <p><b>EXPRESSÃO ORAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de fornecer, de forma breve, razões e explicações para opiniões.</li> <li>• Ser capaz de recontar, de forma simples, pequenos textos, respeitando a ordem das ideias do texto original.</li> <li>• Ser capaz de fornecer pormenores de relatos de</li> </ul>			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vocabulário novo</li> </ul>			
---	--	--	--	--	--	--

<p>experiências.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de formular questões sobre um determinado tema.</li> <li>• Usar com relativa correção um repertório de “rotinas” e fórmulas frequentes associadas a situações mais previsíveis.</li> <li>• Ser capaz de fazer uma exposição simples, antecipadamente preparada, sobre um assunto que lhe é familiar dentro da sua área, suficientemente clara para ser seguido sem dificuldade, na maior parte do tempo, explicando as questões principais com uma precisão razoável.</li> </ul> <p><b>ESCRITA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de avaliar o seu trabalho e o dos outros.</li> </ul> <p><b>LÍNGUA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecimento sistematizado dos aspetos básicos do português.</li> </ul>						
--	--	--	--	--	--	--


## ANEXO 4
















 <p><b>Escola Secundária de Pinhal Novo</b></p>	<p><b>PLANO INDIVIDUAL DE PROJETO</b></p> <p><b>Comunicação Oral</b></p> <p>Português Língua Não Materna – Nível B1 – 10º Ano</p> <p>Prof. Cátia Lopes</p>
--	--

Nome: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_  
 Grupo: \_\_\_\_\_  
 Tema: \_\_\_\_\_



### Objetivos do trabalho:

 Neste trabalho irás realizar várias tarefas propostas no guião de trabalho para fazer uma apresentação oral à turma. E para tal, deverás ser capaz de:

	✓	Auto-Regulação
 Participar nas planificações do trabalho coletivo  Compreender o texto fornecido pela professora  Identificar palavras – chave  Procurar o significado de palavras desconhecidas  Recolher informações sobre o tema escolhido  Resumir o texto  Trocar impressões com o colega de grupo sobre a leitura feita  Preparar questões para os colegas  Organizar as ideias para planear a apresentação aos colegas  Apresentar oralmente o trabalho  Divulgar a informação, de forma clara e organizada		
 Organizar o trabalho individual e de grupo  Cooperar na realização das tarefas em grupo  Ser responsável pelo cumprimento das tarefas  Ser capaz de avaliar o meu trabalho e o dos meus colegas		

**I** - Insuficiente   **S** - Suficiente   **B** - Bom   **MB** – Muito Bom   **R** - a rever

## Heteroavaliação da Comunicação Oral

✎ Após a apresentação oral dos teus colegas, deverás preencher este quadro com a tua opinião:

Aspetos a observar:	Grupos de Trabalho			
	Tema:		Tema:	
	Nome	Nome	Nome	Nome
Ideias claras.				
Discurso compreensível.				
Discurso organizado.				
Linguagem simples.				
Vocabulário adequado.				
Voz expressiva e pausada.				
Não se limitou a ler o texto.				
Tirou dúvidas dos colegas.				
Proporcionou o diálogo entre os alunos.				
Apresentou a sua opinião.				
Dividiram bem o trabalho pelo grupo.				
Impressão geral.				
Apreciação Final.				
Outros comentários:				

**I** – Insuficiente    **S** – Suficiente    **B** – Bom    **MB** – Muito Bom    **R** – a Rever

## Grelha de Avaliação do trabalho em grupo

CrITÉRIOS de Avaliação	Nunca	Raramente	Muitas vezes	Sempre
O trabalho foi distribuído de forma equilibrada durante a preparação.				
O trabalho foi distribuído de forma equilibrada durante a apresentação.				
Compreendemos o que foi pedido pela professora.				
Realizámos todas as tarefas pedidas.				
Aproveitámos o material fornecido pela professora.				
Pesquisámos imagens para a apresentação.				
O trabalho foi criativo.				
Respeitámos as opiniões dos dois elementos do grupo.				
Demos ambas opiniões sobre o trabalho.				
Sentimo-nos motivados para este tipo de trabalhos.				
Respeitámos os prazos da apresentação.				

### Grelha de Autoavaliação da Apresentação Oral

Conteúdos	I	S	B	MB
<b>Introdução</b>				
1. Anunciei o tema e os pontos principais da apresentação.				
<b>Desenvolvimento</b>				
1. Organizei o meu discurso, recorrendo a articuladores do discurso (Em primeiro, de seguida...)				
2. Apresentei as imagens selecionadas e relacionei-as com o tema.				
3. Recontei o caso estudado.				
4. Apresentei uma lista de palavras e expliquei o seu significado.				
<b>Conclusão</b>				
1. Usei os articuladores para concluir o meu discurso.				
2. Fiz um breve resumo das ideias principais do trabalho.				
3. Apresentei a minha opinião sobre o tema e coloquei questões aos colegas.				
<b>Adequação e Qualidade</b>				
1. Usei linguagem adequada e de simples compreensão.				
2. Disponibilizei-me para esclarecer as dúvidas dos colegas.				
<b>Aspeto</b>				
<b>Postura</b>				
1. Assumi uma atitude responsável e descontraída.				
2. Olhei para os meus colegas, não me limitei a ler o trabalho.				
3. Usei gestos e expressividade para transmitir as minhas ideias.				
<b>Voz</b>				
1. Falei de forma clara, audível e compreensível.				
2. Falei de forma pausada.				

### Com este trabalho melhorei / aprendi:

✓ Penso que o projeto foi

---

✓ Num próximo projeto, acho que devíamos

---

✓ Este projeto permitiu-me aprender/melhorar  
no domínio da leitura:

---

no domínio da escrita:

---

no domínio da oralidade:

---



---

✓ As minhas maiores dificuldades foram  
no domínio da leitura:

---

no domínio da escrita:

---

no domínio da oralidade:

---

✓ Neste trabalho...  
gostei mais de

---

porque

---

gostei menos de

---

porque

---

Proposta de avaliação do aluno

---

Comentário da professora

---

---


Avaliação final

---

Ass. do Enc. de Educação

---

## ANEXO 5

 <p>Escola Secundária de Pinhal Novo</p>	<p><b>Apresentação Oral – Violência no Namoro</b> Português Língua Não Materna – 10º Ano Prof. Cátia Lopes</p>
---	--

Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

### Violência no namoro

A **violência no namoro** é um ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros numa relação amorosa. Acontece quando um dos parceiros exerce poder e controlo sobre o outro com vista a conseguir o que pretende. Em Portugal estima-se que um em cada quatro jovens é vítima de violência no namoro. A violência no namoro é considerada um crime público punível por lei e integra-se no quadro legal da violência doméstica. A violência no namoro é identificada através de maus tratos físicos e psicológicos, abusos e violências sexuais, intimidações e humilhações. É causada normalmente por ciúmes possessivos, perturbações psicológicas, uso de álcool e drogas.

#### EXEMPLO DE CASO

**João, 17 anos, 11º A**

**Maria, 17 anos, 11º C**

O João e a Maria conhecem-se desde o 7º ano, altura em que entraram para a escola Básica de 3º ciclo. Eles namoram há cerca de 1 ano. Tudo começou no final do 7º ano quando, em brincadeira, todos diziam que o João gostava da Maria. A partir daí, começou uma bela amizade. Partilhavam os seus problemas, os seus gostos e mesmo os namoricos que iam tendo. Aos 15 anos, João teve uma namorada, a Joana, com quem andou 4 meses. No entanto, essa relação não correu muito bem. Dizia-se que o João era muito agressivo, mas a Maria não acreditou nisso, porque ele era muito querido com ela.

Quando eles começaram a namorar foi como o é para todos: um idílio maravilhoso. Eles passaram a ser conhecidos na escola como “colas”, porque nunca se largavam: chegavam, estavam e saíam sempre juntos.

Apesar de terem amigos comuns, o João afastou-se um pouco, pois estava sempre com a Maria. Eles tinham ciúmes uns do outro. A Maria não gostava que ele falasse muito com as amigas da antiga namorada e o João não se sentia muito bem quando ouvia comentários sobre a Maria, de algum outro rapaz que já tivesse andado com ela.

Até que o João começou a proibi-la de atender certos telefonemas, a controlar o telemóvel e a proibi-la de sair à noite com as suas amigas. As amigas de Maria diziam-lhe

muitas vezes para ter cuidado com o João, pois ele não era o que parecia e que a antiga namorada o tinha deixado, porque ele lhe tinha batido. A Maria não acreditava. Até ao dia em que a Maria foi a um jantar de aniversário de uma amiga e o João não pôde ir. No entanto, tinham combinado que ele ia lá ter. Quando chegou viu a Maria a falar com outro amigo. Disse-lhe que se estava a sentir mal e que queria ir embora. No caminho para casa, começou a discutir com ela, empurrou-a, partiu-lhe o telemóvel e esmurrou-a. A Maria foi para casa e disse aos pais que tinham tido um acidente de carro, mas nunca mais quis falar com o João.



Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## Gravidez na Adolescência

“Os jovens são confrontados com escolhas difíceis e são pressionados a fazer coisas com as quais se sentem incomodados – drogarem-se, beberem bebidas alcoólicas, fumarem e terem relações sexuais. As raparigas e os rapazes precisam de coragem para resistir à pressão do momento; para compreenderem que podem dizer “não”, sem perderem o respeito dos outros.

Existem muitas razões com as quais poderás sentir-te inseguro ou incomodado relativamente ao sexo. Para manteres o teu próprio sentido de autorrespeito, não deixes que te pressionem a ter relações sexuais, só porque achas que o(a) t (tua) namorado(a) vai abandonar-te ou vai ficar desiludido(a). Só tu e mais ninguém vai decidir se queres ou não iniciar um relacionamento sexual. Se ainda não conseguiste entender os teus valores sexuais, então nesse caso deves dizer “não”.”

Drª Miriam Stoppard, *Os jovens, o amor e o sexo*, Ed. Civilização, 1998

### EXEMPLO DE CASO

“Cláudia, 16 anos, ex estudante, tem a filha nos braços, uma bebé de um mês, e ao olharmos para ela parece-nos que estamos perante duas filhas – embora faça um esforço por assumir o papel de mãe da pequena Maria. Sente-se deprimida e sem vontade de nada, muito menos de dizer ao pai da bebé que daquele encontro nasceu uma menina.

Soube da gravidez dois meses depois de ter feito 16 anos, mas achou que era um engano, e ficou sempre à espera que o resultado do teste fosse um erro. Aos três meses da gravidez, ficou muito impressionada quando sentiu o bebé mexer. O susto foi tão grande que Cláudia não conseguiu ir às aulas, pois aterrorizava-a a ideia de que pudesse voltar a acontecer e que os outros percebessem.

Foram momentos difíceis. Gritava para si mesma que tinha de falar, mas de cada vez que imaginava a reação dos pais não conseguia. O tempo passava e a barriga crescia e o bebé cada vez se mexia mais. Um dia, a mãe olhou-a desconfiada e disse-lhe: “Tu estás a ficar muito gorda, filha, até pareces grávida”.

Chorava todos os dias, não tinha vontade de sair de casa nem de ver ninguém, não disse nada nem à melhor amiga, nem ao rapaz. Tinham tido um relacionamento de uma noite. “Foi uma vez só. Muitas amigas minhas fizeram o mesmo, porque é que comigo aconteceu isto?”

Noelma Viegas d’Abreu, *Revista Xis*, Junho de 2008

Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## **Bullying**

O bullying na escola define-se do seguinte modo: "um aluno está a ser provocado/vitimado quando ele ou ela está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de uma ou mais pessoas" (Olweus, 1993) Considera-se uma ação negativa quando alguém intencionalmente causa, ou tenta causar, danos ou mal-estar a outra pessoa. Esse repetido importunar pode ser físico, verbal, psicológico e /ou sexual.


Devido às consequências e efeitos negativos destes comportamentos para o desenvolvimento e para a saúde mental, é de extrema importância que as escolas não neguem que o problema existe e que se dissipe a noção, de pais e educadores, de que este tipo de comportamento é uma parte normal do crescimento. Isto também porque a liberdade do medo não é suficiente para assegurar uma aprendizagem com sucesso mas é uma condição necessária para a aprendizagem eficaz. Para a vitimação e para a provocação, os comportamentos mais referenciados são o “gozar, chamar nomes, fazer troça”, “dizer mentiras, espalhar boatos”, “fazer comentários ou gestos ordinários e/ou piadas sexuais” e “excluir, deixar de fora de atividades de propósito” (Susana Fonseca Carvalhosa).

### **EXEMPLO DE CASO**

António era um rapaz de 13 anos que frequentava o 8º ano, numa escola no Barreiro. Ele era um dos melhores alunos da escola, mas também um dos mais introvertidos e não gostava de participar nos eventos desportivos da turma. Já Mário, era conhecido em toda a escola desde professores a funcionários e era muito assediado pelas raparigas. Ele adorava desporto e não gostava nada de estudar. O que gostava mais era de exibir-se para as raparigas e de sair à noite com os seus amigos de farra. Estes dois rapazes eram da mesma turma. O António tinha mudado de escola e desde o primeiro dia de aulas que o Mário implicava com ele. Dizia que ele não sabia jogar jogos de rapazes e que era como as

raparigas, sempre agarrado aos livros. Até que começaram as ameaças e os pedidos de dinheiro da parte de Mário. “Se não trouxeres a massa tás feito”. As ameaças foram subindo de tom e um dia não gostando de um comentário de António sobre o seu clube, Mário diz-lhe:” sei onde moras, tens a mania que és mais esperto do que os outros, com essa linguagem XPTO, mas comigo não gozas...se não tens cuidadinho essa tua cara de bolacha ainda leva uns estragos”. O António nunca fez participação das ameaças de Mário e também não contou nada em casa aos pais, com medo das consequências. As suas notas iam baixando e andava sempre triste e depressivo. Mas as coisas iam piorando a cada dia e um dia não aguentou mais e disse que não dava mais dinheiro nenhum. Então o Mário e o seu grupo de amigos bateram-lhe até perder os sentidos. Ninguém fez nada para os impedir, limitaram-se a ficar a olhar e alguns a rir. Quando souberam do sucedido, os pais do António ficaram indignados com a situação e foram à escola falar com a Direção.

## ANEXO 6

 <p>Escola Secundária de Pinhal Novo</p>	<p><b>Guião de Trabalho - Comunicação Oral</b> Português Língua Não Materna – 10ºAno – Nível B1 Prof. Cátia Lopes</p>
---	---

### Apresentação Oral Sobre: **Violência no Namoro**

#### Tarefas individuais:

- ☞ Ler o texto dado pela professora;
- ☞ Sublinhar as palavras – chave;
- ☞ Procurar significados de palavras desconhecidas.

#### Tarefas a pares:

- ☞ Fazer uma lista de palavras sobre o tema;
- ☞ Resumir o texto;
- ☞ Procurar imagens relacionadas com o tema;
- ☞ Preparar 5 questões para os colegas.

#### Para a apresentação oral:

- ☞ Explicar o que é a violência no namoro, mostrando as imagens selecionadas;
- ☞ Selecionar algumas palavras da lista que elaboraram e explicá-las;
- ☞ Contar a história do exemplo de caso e relacionar com o vosso conhecimento;
- ☞ Colocar questões aos colegas.

**Apresentação Oral sobre: Bullying**

**Tarefas individuais:**


- ☞ Ler o texto dado pela professora;
- ☞ Sublinhar as palavras – chave;
- ☞ Procurar significados de palavras desconhecidas.

**Tarefas a pares:**

- ☞ Fazer uma lista de palavras sobre o tema;
- ☞ Resumir o texto;
- ☞ Procurar imagens relacionadas com o tema;
- ☞ Preparar 5 questões para os colegas.

**Para a apresentação oral:**

- ☞ Explicar o que é o Bullying, mostrando as imagens selecionadas;
- ☞ Selecionar algumas palavras da lista que elaboraram e explicá-las;
- ☞ Contar a história do exemplo de caso ☞ relacionar com o vosso conhecimento;
- ☞ Colocar questões aos colegas.

 <p>Escola Secundária de Pinhal Novo</p>	<p><b>Guião de Trabalho</b> Português Língua Não Materna – 10ºAno – Nível B1 Prof. Cátia Lopes</p>
---	--

**Apresentação Oral Sobre:** **Gravidez na Adolescência**

**Tarefas individuais:**

- ☞ Ler o texto dado pela professora;
- ☞ Sublinhar as palavras – chave;
- ☞ Procurar significados de palavras desconhecidas.


**Tarefas a pares:**

- ☞ Fazer uma lista de palavras sobre o tema;
- ☞ Resumir o texto;
- ☞ Procurar imagens relacionadas com o tema;
- ☞ Preparar 5 questões para os colegas.

**Para a apresentação oral:**

- ☞ Explicar como ocorre a gravidez na adolescência, as suas implicações na vida dos jovens, mostrando as imagens selecionadas;
- ☞ Selecionar algumas palavras da lista que elaboraram e explicá-las;
- ☞ Contar a história do exemplo de caso e relacionar com o vosso conhecimento;
- ☞ Colocar questões aos colegas.

## ANEXO 7

	<b>Ficha de apoio à apresentação oral</b> Português Língua Não Materna – Nível B1 – 10º Ano Prof. Cátia Lopes Ano Letivo 2010/2011
---	---

Tema do trabalho: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_  
Aluno: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_

### Guião para uma Apresentação Oral

- ✧ Uma **apresentação oral** é uma exposição, feita oralmente, sobre um determinado tema.
- ✧ É difícil expor um assunto oralmente sem uma **boa preparação** e sem um suporte ou um guião.

#### ✧ Para preparares a tua apresentação oral tens de:

- definir o tema.
- identificar os objetivos da apresentação.
- selecionar informação importante sobre o tema.
- resumir o essencial da informação selecionada.
- Delinear a estrutura da apresentação – esquema, por exemplo.
- Escrever, com base no esquema, o plano que constitui o guião.

#### ✧ A tua apresentação deve ser constituída por:

- **Introdução** – indicas o tema do trabalho e explicas do que vais falar.
- **Desenvolvimento** – Expões as ideias principais e dás exemplos com as imagens selecionadas
  - Recontas também a história de caso.
- **Conclusão** – Fazes uma síntese das ideias principais.
  - Dás a tua opinião sobre o tema.
  - Perguntas se têm dúvidas ou se querem colocar questões.
  - No fim, colocam as questões escolhidas e corrigem com os colegas.

#### ✧ Utilização de suportes visuais:

- Recorre a um único suporte para evitar a dispersão dos colegas. Por exemplo: PowerPoint, retroprojektor, cartolinas, etc.

#### ✧ O que fazer durante a apresentação:

- Adota uma postura natural, mas correta;
- Fala de forma descontraída;
- Articula bem as palavras para te perceberem bem;
- Fala de forma clara e audível;
- Segue o teu plano: introdução, desenvolvimento e conclusão;
- Explica as palavras desconhecidas;
- Tem em atenção o ritmo: nem demasiado rápido, nem demasiado lento.
- Não estejas sempre a ler;
- Evita falar de cabeça baixa ou com as folhas em frente do rosto.


### Articuladores de discurso

**Introdução** – Em primeiro lugar; O nosso trabalho fala sobre; O tema do nosso trabalho é; Nós vamos falar de...

**Desenvolvimento** – Depois; De seguida; Assim; Deste modo; Na verdade; Como vimos; Com efeito; Mas; E; Pois; Além disso; Não só...mas também; Por um lado; Por outro lado; Isto significa; Quero dizer que; Por exemplo; Isto é; Como se pode ver; Quando; Após; Por outras palavras; Apesar de; No entanto; Contudo; Todavia; Porque; Uma vez que; Dado que; Talvez; É provável que; No que diz respeito a; Passamos ao ponto número; Quanto a; Neste caso...

**Conclusão** – Concluindo; Portanto; Enfim; Em conclusão; Por último; A meu ver; Na minha opinião; Em resumo; Parece-me que; Acho que; Tenho a impressão que; Por fim; Finalmente; Para terminar; Por todas estas razões...

### **Roteiro da Apresentação Oral**

 **Para te ajudar a preparar a tua apresentação segue o seguinte esquema:** (podes e deves seleccionar alguns articuladores de discurso)

O tema do nosso trabalho é \_\_\_\_\_

**Em primeiro lugar vamos falar**

**De seguida falaremos de**

**Como exemplo temos**

**Por fim**



**Na minha opinião**

**Sobre este tema, já sabia**

**Perguntar aos colegas se têm dúvidas e esclarecer**

**Colocar as questões aos colegas**

1.

2.


3.

4.

5.

6.


## ANEXO 8

	<b>Projeto da Comunicação Oral – Avaliação Individual</b> Português Língua Não Materna – Nível B1 – 10º Ano Prof. Cátia Lopes
---	---

Nome:	Nº	Data:				
Descritores de Desempenho	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente		
<b>Leitura</b>						
- Ser capaz de ler e perceber o sentido geral de artigos e textos informativos.						
- Ser capaz de apreender o significado de palavras ou expressões desconhecidas, partindo do contexto, desde que o assunto em questão seja familiar.						
- Ser capaz de ler rapidamente para identificar informações relevantes tais como: quem fez o quê e onde.						
- Ser capaz de compreender informação relevante em textos sobre temas correntes.						
<b>Expressão Escrita</b>						
- Ser capaz de escrever textos estruturados, de forma simples, sobre assuntos do seu interesse e de exprimir pontos de vista e opiniões pessoais.						
- Ser capaz de escrever textos simples sobre experiências ou acontecimentos.						
- Ser capaz de transmitir ou de selecionar informação importante num texto simples.						
- Ser capaz de formular questões simples sobre um determinado tema de um texto.						
- Ser capaz de reescrever textos simples, de acordo com correções sugeridas pela professora.						
- Ser capaz de avaliar o seu trabalho e o dos outros.						
<b>Expressão Oral</b>						
- Ser capaz de fornecer, de forma breve, razões e explicações para opiniões.						
- Ser capaz de recontar, de forma simples, pequenos textos, respeitando a ordem das ideias do texto original.						
- Ser capaz de fornecer pormenores de relatos de experiências.						
- Ser capaz de formular questões sobre um determinado tema.						
- Usar com relativa correção um repertório de “rotinas” e fórmulas frequentes associadas a situações mais previsíveis.						
Ser capaz de fazer uma exposição simples, antecipadamente preparada, sobre um						

assunto que lhe é familiar dentro da sua área, suficientemente clara para ser seguido sem dificuldade, na maior parte do tempo, explicando as questões principais com uma precisão razoável.				
- Possuir suficiente linguagem, com vocabulário suficiente para se exprimir.				
<b>Interação Oral</b>				
- Ser capaz de desenvolver suficientemente bem uma argumentação para ser seguido sem dificuldade na maior parte do tempo.				
- Ser capaz de manter razoavelmente bem e com fluência uma descrição direta de um dos seus assuntos de interesse.				
- Ser capaz de manter uma conversa, embora, por vezes, tenha dificuldade em exprimir-se como gostaria.				
- Ser capaz de dar e pedir opiniões durante uma discussão formal.				
- Ser capaz de responder a questões.				
<b>Compreensão Oral</b>				
- Ser capaz de compreender informações de carácter elementar, tais como as informações sobre um texto informativo/expositivo.				
- Ser capaz de compreender uma sequência falada que incida sobre assuntos correntes e de interesse do aluno.				
<b>Conhecimentos da Língua</b>				
- Conhecimento sistematizado dos aspetos básicos da estrutura e do uso do português.				
<b>Outras competências</b>				
- Permanecer atento à informação apresentada.				
- Entender a intenção da tarefa a realizar.				
- Cooperar eficazmente no trabalho a pares.				
- Utilizar todos os materiais disponíveis para uma aprendizagem autónoma.				
- Possuir a capacidade de organizar e utilizar materiais para uma aprendizagem autodirigida.				
<b>Observações</b>	<b>Apreciação Global</b>			

## ANEXO 9

	<p align="center"><b>Comunicação Oral – Avaliação Individual</b>  Português Língua Não Materna – Nível B1 – 10º Ano  Prof. Cátia Lopes</p>
---	--

Tema: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Aluno: \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_

### Exposição Oral: conteúdos

Parâmetros	Muito	Razoável	Pouco	Nada
1. Respondeu ao título.				
2. Foi objetivo.				
3. Explicou as ideias do texto.				
4. Selecionou informação pertinente.				
5. Ordenou adequadamente as ideias.				
6. Esclareceu dúvidas dos colegas.				
7. Interagiu bem com os colegas.				
8. Deu exemplos.				
9. Utilizou imagens.				
10. Explicou as palavras desconhecidas.				
Observações:	Apreciação Global:			

### Observação da Exposição Oral:

Parâmetros	Muito	Razoável	Pouco	Nada
<b>Tempo</b>				
Foi ultrapassado				
Foi cumprido				
Houve espaço para debate				
<b>Extensão</b>				
Demasiado longa				
Curta				
Adequada				
<b>Postura</b>				
1. Responsável e descontruída.				
2. Não se limitou a ler o trabalho.				
3. Usou gestos e expressividade.				
<b>Voz</b>				
1. Clara, audível e compreensível.				
2. Falou de forma pausada.				
Observações:	Apreciação Global:			